

DRÁCULA

O Príncipe das Trevas

ORGIA
DE
SANGUE



L P BACAN



ORGIA DE SANGUE

L P Baçan



Edição Eletrônica: L P Baçan

All rights reserved

Copyright © 2017 do Autor

Autorizadas a reprodução e distribuição gratuita desde que sejam preservadas as características originais da obra.

Venda Proibida.

2017

livro quatro

ORGIA DE SANGUE

CAPÍTULO 1

O rápido da British Rail, com destino a Wolverhampton, passava não muito longe da casa. Stanley Gardner apanhou seu precioso relógio do colete e olhou-o.

— Com efeito... Está atrasado! — exclamou, levando-o ao ouvido por instantes.

Depois com calma, acertou-o pelo horário da passagem do trem: dezoito e cinquenta e cinco.

Terminou sua xícara de chá, depois ergueu-se da mesa.

Cora Gardner, sua esposa, virou-se:

— O velho relógio de vovô está atrasado — disse, enquanto caminhava até a janela.

Respirou fundo o ar úmido e perfumado que vinha do bosque a meio quilometro da casa. Seu olhar atravessou o jardim, as sebes desfolhadas pelo outono, alongando-se até o bosque e, depois, para as muralhas do velho castelo dos Panter.

Um sentimento de orgulho dominou-o. Seus ancestrais haviam servido naquele castelo, há muitos anos, antes que o último descendente da nobre família morresse numa expedição à Índia.

O velho castelo permanecera, vencendo o tempo, descuidado, agora, com o mato tomando conta dos jardins e a hera subindo pelas pedras dos muros e das paredes.

Na torre principal ainda se equilibrava o mastro onde, por muitos anos, estivera hasteada a bandeira dourada com a pantera ao centro, cravando as garras sobre um javali.

— Cora, lembra-se por que havia uma pantera na bandeira dos Panter? E o javali?

— Ora, Stan, como vou me lembrar? — descartou ela, retirando as peças de porcelana da mesa e levando-as para a pia, onde as lavou cuidadosamente.

Escurecia rapidamente no outono. O céu azulado em pouco tempo perdia seu brilho forte, tornando-se escuro... Stanley foi até seu armário e apanhou um cachimbo.

Encheu-o cuidadosamente, acendeu-o e voltou à janela. As ameias e seteiras do castelo começavam a se confundir com a noite.

Atravessando a rua como uma sombra, um cachorro avançou para o bosque. No momento seguinte, outro o seguiu, mas estacou no meio da estrada, erguendo o focinho para o ar como se farejasse qualquer coisa.

Um carro vindo pela estrada diminuiu a marcha e o motorista piscou os faróis. Stanley endireitou-se intrigado. Antes que o animal sumisse na direção do bosque, teve a nítida impressão de ter visto um lobo ali, no centro da estrada.

Deveria estar enganado, foi o que concluiu. Não havia lobos em Coventry há cerca de cinqüenta anos, talvez mais. E depois, de onde poderiam ter vindo?

— Cachorros, com certeza — resmungo, voltando a se debruçar no peitoral da janela.

— Como? — indagou a mulher, atrás dele.

— Cachorros — afirmou ele. Vi um cachorro, dois, alias, atravessando a estrada na direção do bosque.

— Ah! — exclamou ela, continuando seus afazeres.

— Mas me pareceu um lobo — continuou ele, como se o dissesse só para si.

A mulher não o ouviu. Havia deixado a cozinha e ido até a sala, onde ligara o televisor. Tinha as mãos um precioso bule e enxugava-o, enquanto cravava os olhos na tela azulada.

— Stanley! Jack fez outra! — quase gritou.

— Diabos! — exclamou ele, deixando a janela e indo até a sala.

O locutor estava dando as últimas informações sobre mais um crime de Jack, o Estripador. Uma garota fora encontrada num terreno baldio com as vísceras abertas, após haver sido barbaramente espancada.

Os dois observaram o tempo todo, com atenção. Cenas do local foram mostradas e, por instantes, surgiu o rosto da garota.

— Tão jovem! — exclamou.

— Alguém precisa fazer alguma coisa... Positivamente! — afirmou Stanley, pensativo.

— Ela deveria ter a idade de nossa Albertine — acrescentou a mulher...

— Falando nisso... — disse Stanley, sacando o relógio do colete. — Albertine está cinco minutos atrasada. O trem já chegou há uns dez.

— Deixe-a, homem. Na certa se encontrou com Chester Blackpool. Eles estão namorando, sabia? — indagou ela, com um riso matreiro nos lábios finos e descorados.

— Gosto dos Blackpool. São uma ótima família. Albertine disse se ele já a pediu em casamento?

— Ora, Stanley! Estão namorando há duas semanas apenas — resmungou ela, voltando à cozinha.

Ele deu algumas baforadas em seu cachimbo, depois voltou à mesma janela. Olhou a rua, agora apenas uma sombra mais clara no chão da noite.

Um farol iluminou-a. O veículo avançava em média velocidade mas, repentinamente, freou. Seus faróis iluminaram um animal no centro da estrada.

Stanley arregalou os olhos.

— Cora, venha cá! — chamou, mas, quando a mulher se aproximou da janela, o animal havia corrido para o bosque.

— O que foi? É o carro do Chester, não é? Houve alguma coisa?

— Juro que vi um lobo diante dos faróis — afirmou ele.

— Ora, Stanley! — murmurou ela, dando de ombros.

O veículo, na estrada, voltou à velocidade anterior, avançou até a encruzilhada, onde seus faróis descreveram um quarto de círculo no ar, iluminando direto o rosto o homem.

Stanley cobriu os olhos. O motorista abaixou as luzes e veio estacionar diante da casa. Albertine e Chester desceram.

— Boa noite! — cumprimentou Chester, com um aceno.

— Boa noite! — respondeu Stanley e sua mulher veio olhar por sobre seu ombro.

— É um belo rapaz, não é mesmo? — indagou.

— Sim, um bom partido, não há dúvidas!

Chester e Albertine, de mãos dadas, aproximaram-se um pouco mais da janela.

— Sabe o que vimos, ainda há pouco, na estrada? — indagou a garota.

— Eu estava aqui mesmo e vi a freada. Juro como havia um lobo diante do carro...

— Sim, isso mesmo! — afirmou Chester. — Não era um cachorro, tenho certeza.

— Eu não lhe disse? — comentou Stanley, voltando-se para encarar a esposa.

— Um lobo... Um lobo aqui, em Coventry... — resmungou ela, incrédula.

— Era um lobo sim, mamãe. Correu para o bosque, quando paramos o carro. Vi seus dentes e seus olhos. Brilhavam como os de um demônio — disse a garota, entusiasmada.

— Mas por que não entram? — convidou a Sra. Gardner, pondo a cabeça sobre o ombro do marido.

— Chester já tem que ir embora. Só veio me trazer — falou a garota.

Chester se despediu de todos, apertou com firmeza as mãos de Albertine, desejando que seus pais não estivessem na janela.

Ela sorriu emocionada e ele caminhou até o carro. Estacou, subitamente, quando ouviu aquele uivo lancinante, prolongando-se em seguida até morrer como um eco.

Voltou-se e olhou o Sr. Gardner, na janela.

— Ouviram isso? — indagou.

— Eu fique toda arrepiada! — exclamou Albertine.

— Era um lobo, tenho certeza absoluta! — afirmou Stanley, intrigado e curioso.

Albert Humperdeen se acomodou melhor em seu assento, olhando com atenção a estonteante loura, sentada sozinha, algumas mesas além da sua.

Nos últimos minutos. Albert estivera intrigado, julgando que o uísque estivesse lhe pregando alguma peça. Via a loura na mesa, através do espelho colocado na parede, à sua frente, após o balcão, no centro das prateleiras de garrafas...

A loura conversava com alguém. Ria e fazia gestos coquetes, mas não havia ninguém em sua companhia. Albert ria disso. Pediu um outro uísque duplo.

Quando o garçom veio servi-lo, Albert indagou-lhe, a voz prejudicada pela bebida.

— Há uma loura sentada duas mesas atrás da minha?

— Sim, ela está lá. Vestido vermelho, não?

— Sim, essa mesma. Você a conhece?

— Nunca a vi antes.

— Ela deve ser louca, não? — indagou Albert, com uma expressão que o garçom não quis entender.

Conhecia Albert. Quando bêbado, era simplesmente incompreensível. Dizia as piores asneiras. Em sua última bebedeira, passou meia hora descrevendo as aranhas negras que subiam pelas prateleiras e se penduravam no teto.

— Louca ou não, é tentadora, não é mesmo? — retrucou, afastando-se.

Albert tomou um gole, depois ergueu o copo até a altura dos olhos. Através do líquido dourado observou o espelho. Lá estava a loura, novamente falando sozinha.

Tentou girar a cabeça lentamente, mas sabia seu estado. Por instantes o salão girou. Ele estacou, os olhos fixos no espelho. Com quem ela falava, afinal?

Quando o salão se aquietou, continuou virando lentamente a cabeça, até que a loura entrasse em seu campo de visão. Lá estava ela, em seu vestido vermelho muito decotado, deixando à mostra seios fartos e provocadores.

Piscou os olhos. Depositou o copo sobre a mesa e com as duas mãos segurou a cabeça. Havia um homem com a loura. Era alto e magro, feições ligeiramente pálidas, mas lábios vermelhos e grossos.

Desviou lentamente os olhos para o copo de uísque. Todo o movimento durou cerca de um minuto. Albert percebeu, então, o quanto estava embriagado.

Durante todo o tempo estivera observando a loura, julgando que ela estivesse sozinha, mas havia alguém com ela. Era incrível o que a bebida podia fazer.

Levantou os olhos para o espelho e viu apenas a loura. Piscou os olhos, esfregou-os e tornou a olhar. Lá estava ela, sozinha na mesa. Podia jurar que ela estava só. Voltou-se repentinamente, olhando a mesa.

Lá estava o tal sujeito. Por instantes todos os efeitos do álcool se dissiparam. Ele girou os olhos do espelho para a mesa, incrédulo.

Depois começou a rir, quando o salão girou vertiginosamente e ele se agarrou com ambas as mãos ao tampo da pesada mesa de carvalho.

Rostos se voltaram para olhá-lo com piedade. Albert ria como se tivesse ouvido a melhor piada de toda a sua vida. Alternou olhares novamente, entre o espelho e a mesa, incapaz de compreender aquela peça.

Ergueu-se, apoiado à mesa. O bar girou muitas voltas. Os rostos continuavam fixos no seu, mas a ele isso não mais incomodava.

Firmou o corpo, finalmente, olhando fixamente o homem que acompanhava a loura. Por momentos pareceu medir a distância e sua capacidade de chegar intacto até lá.

Depois, soltou-se da mesa e cambaleou, indo parar diante da outra. O homem e a loura ergueram os olhos para ele. Albert puxou rapidamente uma cadeira e sentou-se. Apontou o indicador para o rosto do desconhecido e engasgou-se com as palavras.

Riu em seguida, voltando o corpo para apontar o espelho. Os olhos do desconhecido brilharam e uma expressão ameaçadora tomou conta de seu rosto, como se uma fera instintiva despertasse dentro dele.

— Imagine que... Estou bêbado! Deus, como estou bêbado! — balbuciou Albert.

— Esta sendo inconveniente, cavalheiro! — disse o companheiro da loura.

— Sim, por que não dá fora? — acrescentou a loura, num tom vulgar.

— Eu já vou... Mas você não está! — afirmou o bêbado, encarando o outro.

— Está dizendo asneira! — comentou ele, incomodado...

— Eu estava observando pelo espelho. Só via essa deliciosa senhorita e mais ninguém. No espelho você não estava, mas estava aqui — disse Albert, patético, voltando a rir.

— O que ele está dizendo? — quis saber a garota.

— Como vou saber? Ele está embriagado! — disse o homem, erguendo-se e tomando Albert por um dos braços.

A pressão daquela mão assustou Albert. Era como se uma garra de gelo fosse posta ao redor de seu braço, vencendo a barreira da camisa de lã.

— Espere, eu estou bem... — resmungou.

— Você está bêbado. Por que não vai para casa? — disse o homem, mais ordenando que pedindo.

Seu tom de voz trazia uma ameaça que, apesar da embriaguez, Albert pôde entender. Olhou-o. Aqueles olhos eram assustadores. Aqueles lábios sugeriam lembranças grotescas, animais.

— Eu vou... Eu vou sim — afirmou, livrando-se da mão que o segurava. — Já estou indo. Sei quando chego ao limite — resmungou em seguida, cambaleando por entre as mesas, esbarrando em algumas.

O homem ficou em pé ao lado da mesa, olhando-o sair pela porta. Voltou-se para a garota.

— Não me demoro — disse, depois deslizou na direção dos fundos.

Passou pela porta, dos sanitários e foi até uma outra, mais além, no corredor. Abriu-a e saiu para o estacionamento. Com passos rápidos ele contornou a construção. Albert vinha vindo pela calçada, apoiando-se ao muro que acompanhava o estacionamento.

Estacou, arrepiado, ao ver aquele vulto diante de si. Piscou firme os olhos. A lua cheia, surgindo a suas costas, foi iluminando o rosto do homem diante de si.

— Ei, você é o homem que não estava no espelho — reconheceu, esboçando um sorriso.

O outro permaneceu em silêncio. Seus olhos brilharam quando um farol os iluminou. O veículo passou, mas o brilho persistiu.

Albert cambaleou e se sentou no muro baixo, olhando-o. Ele se aproximou lentamente, como uma sombra que viesse da única luz que brilhava no estacionamento vazio. A ruela adiante, que desembocava no Baker Street, estava às escuras. Albert sentiu medo. Um medo estranho, instintivo, que fez arrepiar seu corpo.

— Sim, sou o homem que não estava no espelho — murmurou, num tom grave e metálico ao mesmo tempo, impessoal, sem trair sentimento algum.

— Como pode estar... — ia dizendo Albert, mas calou-se ao perceber a luminosidade que brotava do corpo diante dele, envolvendo-o gradativamente, como radiações trêmulas e confusas, como chamas que se desprendessem de uma acha de lenha e se apagassem no espaço.

Endireitou o corpo, sentindo-se arrepiar inteiramente. Qualquer coisa gosmenta travou-lhe a boca, grudando sua língua como uma paralisia momentânea.

A luminosidade cresceu, tomou a forma do corpo do outro, depois foi se transformando, metamorfoseando, encolhendo-se, até que as asas negras de um enorme morcego fossem agitadas à sua frente.

Não quis acreditar no que via, mas o vento batendo em seu rosto, trazendo um cheiro fétido de cemitério, dava-lhe a certeza de que a visão era real.

Recuou, cambaleando. O morcego bateu as asas, pairando a sua frente, depois adiantou as garras como uma ave de rapina e avançou direto para o seu rosto.

Albert cobriu-o com as mãos e tentou correr, louco de pavor. Suas pernas embaralharam-se e ele caiu pesadamente, a cabeça batendo contra as pedras do calçamento. Tentou se levantar, mas o mundo girou ao seu redor e suas forças se foram, quando o coração pareceu explodir.

CAPÍTULO 2

Mary Reading foi até o armário do banheiro, abriu-o e apanhou o vidro de pílulas para dormir. Deixou cair uma delas sobre a palma de uma das mãos.

Olhou-se no espelho, após fechar a porta do armário. Toda a tensão e o medo que haviam se instalado nela se refletiam em suas faces.

Profundas olheiras davam-lhe um ar sombrio e cansado. A pele perdera o brilho, como resultado dos constantes sobressaltos e das noites terríveis que vivia, desde que deixara Falmouth e viera para Londres.

Não conseguia esquecer os acontecimentos. Duas de suas amigas haviam morrido tragicamente. Ela mesma passara por uma experiência que jamais alguém acreditaria.

Tomou uma pílula, desligou a luz e atravessou a sala, rumando para seu quarto. A velha tia já dormia, no aposento ao lado. Mary entrou e olhou a porta. Noite após noite lutava contra aquele fantasma que vivia dentro dela.

Fechou-a lentamente, passou o trinco e girou duas vezes a chave. Por alguns instantes ficou olhando a sólida madeira trabalhada.

Seus pensamentos voltaram atrás no tempo, até uma noite de pesadelo. Vira aquele monstro ameaçador atravessar a porta. Fosforescente e aterrador, aquele vulto vivia em sua mente.

Foi para a cama. Olhando o relógio na mesa de cabeceira. Ao seu lado estava um rosário. A mão da garota se estendeu, tocando-o. Apertou-o lentamente entre os dedos, fechando os olhos e começando a rezar.

Não sabia até quando poderia suportar aquilo. Seu médico já advertira... Estava à beira de um colapso nervoso. As pílulas para dormir à noite e os estimulantes pela manhã estavam criando um círculo-vicioso perigoso que deveria ser interrompido, antes que se tornasse irreversível.

Mary sabia de tudo aquilo, mas como sair à noite se em suas lembranças havia um monstro onipresente, cujas garras pairavam sobre ela como a sombra do próprio demônio?

Talvez devesse sair, divertir-se um pouco, quebrar aquela rotina perigosa. Teria de criar muita coragem para aquilo. Se ali, em seu quarto, diante da porta trancada, não se sentia segura, como poderia sair e passear!

Aquele rosário parecia ser sua única arma, a única coisa a dar-lhe um pouco de confiança. Suspirou, olhando o abajur. Prometera, na noite anterior, que dormiria com a luz apagada.

Seus dedos se esticaram e brincaram com o interruptor. Bastaria um toque e a escuridão se faria presente. Tinha de vencer o seu medo, mas seus dedos tremeram e recuaram.

Gotas de suor brilharam em sua testa. Ela afundou-se sob as cobertas, cobrindo-se até o queixo. Ficou olhando a porta, o olhar quase demente, a testa vincada por rugas.

Seu pavor não tinha limites.

Vlad Lucard sorriu, mostrando seus dentes brancos e perfeitos. Berta Wistomer estendeu a mão e lhe tocou os lábios com o indicador.

— Que belo sorriso você tem! — murmurou ela, apaixonada.

Vlad cravou nela seus olhos penetrantes e sorriu levemente, saboreando a volúpia que se agitava em seu corpo. Sua mão subiu pelo braço da garota, até o ombro, onde acariciou. Seu polegar contornou pescoço dela, pousando sobre a veia principal que palpitava ao compasso das batidas do coração.

Seu olhar brilhou mais forte e seus lábios se contraíram, num riso de satisfação. A garota estava seduzida.

Seu olhar se desviou para um homem que entrava no bar, ligeiramente alterado. Foi até o balcão, pediu uma bebida e entornou-a num só gole.

Conversou por instantes com o barman, que se alarmou e deixou seu posto, após dizer algumas palavras ao garçom. Vlad fez um sinal a este.

— Mais alguma coisa, senhor? — veio indagar-lhe o rapaz.

— Mais um drinque para a garota aqui... Algum problema lá fora? — indagou, desinteressadamente.

— Sim, parece que acharam Albert Humperdeen caído no calçamento. Era fatal que acontecesse cedo ou tarde.

— Não está falando daquele bêbado que veio nos incomodar, está? — indagou Berta.

— Sim, ele mesmo, senhorita.

— Alguma coisa grave?

— Pelo que disse Mike, está morto. Bateu com a cabeça ao cair e... Desculpe-me! — apressou-se em dizer, ao perceber que impressionara a garota.

— Traga logo aquele drinque — pediu ela. — Sou muito sensível a essas coisas. Era um bêbado, mas não me pareceu uma má pessoa...

— Garanto que não era — afirmou o garçom, afastando-se.

Torg já estava familiarizado com aquelas escadarias escuras e aqueles enormes salões, cobertos de teias de aranhas e muita poeira.

Avançou coxeando, após galgar as escadas que levavam à torre principal. Aproximou-se da seteira e olhou adiante, na direção da casa iluminada além do bosque e da estrada.

Um lobo uivou, lento e agudo. Um outro se juntou a ele e o dueto macabro incomodou o corcunda.

— Pelos cascos de Belzebu! — murmurou. — De onde surgiram esses lobos?

Debruçou o corpo, olhando na direção do bosque, mas nada podia ver, além de sombras que vingavam por entre as árvores. Depois, com um brilho de luxúria nos olhos, voltou a olhar a casa.

Só então desembrulhou avidamente o pacote que trazia nas mãos. Fora à cidade naquela tarde e comprara aquilo. Estava ansioso para testar seus efeitos. Jogou para o lado o papel, depois abriu o estojo. Tomou o potente binóculo em suas mãos, sorrindo. Assentou-o na direção da casa, observando uma a uma as janelas iluminadas. Estacou numa delas. Viu o vulto feminino deslizar de um lado para outro. Era ela, não havia dúvidas. Seus olhos se arregalaram, quando o vulto parou diante da janela aberta.

Com movimentos lânguidos, ela começou a se despir. O corpo do corcunda se agitou, inquieto, os olhos grudados às lentes.

Uma de suas mãos foi se estendendo lentamente, como se quisesse tocá-la, tão perto a sentia. Um fio gosmento escorregou do canto de seus lábios, entreabertos de gozo.

Albert Gardner deixou a blusa sobre a cabeceira da cama, depois despiu a saía. Apenas a anágua transparente ocultava suas pernas esculturais.

Torg grunhiu qualquer coisa, a mão agitando-se diante do binóculo, numa sanha voluptuosa. Albertine baixou a anágua. Torg fungou, grunhindo sempre, a mão pousando sobre a pedra e crispando-se como querendo esfacelá-la.

— Bela! — rouquejou, quando ela afrouxou o sutiã, depois a tirou, revelando os seios redondos e pequenos, tentadores.

A língua áspera percorreu os lábios de um lado para outro, impaciente. Albertine escovou os cabelos, depois vestiu a camisola. Foi até a janela e baixou-a. Depois puxou as cortinas tapando a visão do monstro.

Torg ficou ali, ofegante, olhando ainda, como se esperasse ver, através da pequena fresta o corpo que o seduzira.

Baixou o binóculo. Os lobos voltaram a uivar. A luz retornou à janela do quarto e o vulto de Albert se destacou.

Os lobos a assustavam. Ao perceber isso, uma fúria assassina tomou conta do corcunda. Ninguém deveria incomodar o sono da garota.

Ele girou o corpo, encontrando algumas pesadas pedras soltas. Urrou ao erguer uma delas e arremessá-las para baixo. Outro lobo uivou. Torg ergueu outra pedra, depois mais outra, atirando-as para baixo, até que se esgotassem.

Agarrou-se a uma das ameias, tentando arrancar o bloco. Não o conseguindo, chutou-a e andou de um lado para outro, como fera enjaulada.

— Malditos! — grunhiu, retornando para a escada e descendo apressadamente.

Momentos mais tarde, deixava a passagem secreta que conduzia ao jardim. Viu-se, logo em seguida, no bosque. Os lobos estavam silenciosos, mas Torg podia sentir-lhes a proximidade.

Um deles rosnou a suas costas... Torg se voltou para encará-lo. Os olhos do animal chamejavam na noite. Torg avançou para ele. O animal saltou no ar e seus corpos se chocaram, rolando sobre as folhas secas.

Os braços do corcunda fecharam-se ao redor das costelas do animal e seus dentes cravaram-se no pescoço da fera, que se debateu, uivando e rosnando.

—

O motorista, intrigado, voltou o rosto para olhar seus passageiros. O homem no banco traseiro olhou-o como que fuzilando-o.

Um arrepio percorreu seu corpo. Ele se endireitou, atento ao volante, uma sensação estranha e opressiva fazendo-o pisar mais fundo no acelerador.

Arriscou olhar, novamente, pelo retrovisor. Lá estava a loura, apenas ela, sozinha no banco. Onde estava seu acompanhante?

Já estava habituado aos tipos mais estranhos em seu carro, mas, naquela noite, não conseguia entender o que se passava. Ao olhar para trás, vira o homem; pelo retrovisor não conseguia focalizá-lo.

Suspirou aliviado quando chegou ao endereço fornecido pela garota. Era uma casa de cômodos, numa viela escura de Stevenage.

Recebeu uma nota de dez libras e remexeu seus bolsos à procura de troco.

— Pode ficar! — disse o homem bem vestido que acompanhava a loura.

Seu tom de voz metálico fez o motorista estremecer. Pôs o carro em movimento e afastou-se rapidamente.

Vlad olhou a garota no fundo dos olhos, depois baixou o olhar até o pescoço torneado. A volúpia em seu corpo se assanhava, intensa como a lua cheia que brilhava no céu.

— Vamos entrar? Meu quarto é o primeiro, sob a escada. Não faremos barulho algum e estaremos a sós. — sugeriu ela, com malícia, levemente embriagada.

Conhecera aquele homem fantástico no começo da noite. Haviam estado em dois ou três bares, antes do último, onde ela bebera um pouco além da conta.

Sentia-se alegre e excitada. Não era todo dia que se via numa companhia tão distinta. Pelos modos e pelas roupas, juraria tratar-se de um cavalheiro. Se assim fosse, poderia cobrar um bom preço e fazer valer a noite.

Seus braços sensuais enlaçaram o pescoço de Vlad.

— O que quer, amorzinho?

Ele sorriu, olhando a lua por instantes. Fechou os olhos e apertou a garota contra seu corpo. Ela movimentou os quadris sugestiva e provocantemente, roçando-se nele.

Lábios frios pousaram sobre sua face, depois deslizaram para seu pescoço, mordiscando gostosamente. Ela encolheu os ombros, arrepiada.

— A noite está tão bonita... Você é tão bonita... — rouquejou ele, a voz perdendo aquele timbre metálico para adquirir uma tonalidade quente e sensual que a fez vibrar.

— Minha janela dá para o jardim... Vamos nos amar à luz da lua — propôs, esfregando-se com volúpia ao corpo dele.

Vlad sorriu, mostrando os dentes. Seus lábios haviam se tornando mais vermelhos e suas mãos apertavam com volúpia maior as carnes macias daquele corpo.

— Sim, por que não? — respondeu.

Ela o beijou avidamente, adiantando sua língua. Ele a prendeu ante os dentes, deixando-a escorregar em seguida.

— É só o tempo de encontrar a chave? — disse ela, soltando-o e vasculhando sua bolsa.

Adiantou-se até a porta. Abriu-a e acenou convidativamente para ele, que a seguiu pelo corredor, até uma outra porta, fracamente iluminada por uma lâmpada no alto da escada.

— É aqui — sussurrou ela, abrindo e deixando-o passar.

Ele avançou até o centro do aposento, olhando ao seu redor em seguida. Era um quarto vulgar, com uma enorme cama coberta por uma colcha vermelha.

Berta fechou a porta atrás de si, depois foi até a janela e afastou as cortinas. O luar incidiu sobre o avermelhado da colcha, produzindo um efeito que agradou aos olhos dele.

— O banheiro é ali — apontou ela.

— Sim — apenas disse ele, sentando-se na cama.

— Vejo que está com pressa — sorriu ela, com malícia, começando a se despir.

Primeiro os sapatos, depois a saía e, finalmente, a blusa. Apenas de calcinha e sutiã ela se aproximou, flexionando uma das pernas e repousando-a sobre os joelhos dele.

As mãos frias subiram por suas coxas, ultrapassaram a linha da cintura, resvalaram pelos seios e foram acariciar o pescoço dela.

— Não vai se despir! — perguntou ela, debruçando-se sobre ele, fazendo seus seios roçarem os cabelos dele.

— Tudo em seu devido tempo — murmurou ele, a voz rouca e excitada, puxando-a para si, esfregando-se a ela como se toda aquela volúpia contida durante a noite explodisse naquele momento.

Girou o corpo, pesado sobre o dela. A lua brilhava nos olhos de Berta. Seus lábios entreabertos sugeriam prazeres. Vlad Lucard, o Conde Drácula, segurou aquele rosto entre suas mãos frias, depois deixou que seus lábios deslizassem para o pescoço da mulher.

As carícias daqueles dentes provocaram arrepios, excitados no corpo dela. Os movimentos inquietos e bruscos daquele homem denunciavam um desejo ardente.

— Beije-me! — pediu ela, procurando desabotoar-lhe a camisa.

— Sim, querida — rouquejou ele, quase num grunhido, torcendo a cabeça dela para um lado e pousando seus lábios sobre a veia jugular.

Por instantes sentiu, apenas o palpitar ritmado da corrente sangüínea. Estremecimentos abalaram seu corpo. Sua boca se abriu mais e mais. Os caninos se agigantaram, pontiagudos e mortais.

Berta não entendeu aquela físgada em seu pescoço, nem os gorgulhos sôfregos. Algo quente deslizou pelo seu pescoço, sendo perseguido pelos lábios do vampiro, que retornaram, a seguir, para cima da ferida, sugando-a, sorvendo o sangue que jorrava incontrolado.

Berta quis gritar, dominada pela dor e pelo medo. Sabia que poderia fazê-lo, mas havia qualquer coisa ordenando-lhe que se mantivesse calada.

Seus olhos se fixaram na lua, brilhando atrás do vidro sujo da janela, enquanto Drácula se esfregava a ela com lascívia, apertando suas carnes, fungando, bebendo seu sangue.

Espasmos agitaram seu corpo, ao mesmo tempo em que o dela estremecia agonizante. Quando a última gota havia sido sorvida. Drácula rolou para o lado ofegante, lambendo os lábios, os olhos injetados e arregalados, o corpo saciado do voraz e nojento apetite.

Ergueu-se em seguida. O luar iluminava o cadáver sobre a cama. Drácula recompôs as roupas, depois foi abrir silenciosamente a janela.

Por momentos fitou o corpo em destaque contra o vermelho da colcha, depois olhou a noite.

Uma luminosidade cercou seu corpo, tomando seu formato. Depois, alterou-se até a forma de um morcego enorme, que bateu suas asas e guinchou através da janela.

Subiu alto, muito alto, onde podia sentir seu domínio sobre a terra e sobre os mortais. Precisava voltar ao castelo e repousar. Seu fiel criado se encarregaria do resto.

— Onde ela está, mestre? — indagou-lhe Torg, quando a metamorfose se operou e o vulto sinistro do vampiro se firmou à sua frente.

— Na Real Cross, em Stevenage. O número da casa é cinco. Se for até o jardim, ao lado, verá a janela aberta. Livre-se dela como das outras vezes...

— Sim, mestre — concordou o corcunda, satisfeito.

CAPÍTULO 3

Coxeando, Torg se encaminhou para a saída que o levaria para fora do castelo abandonado. Drácula olhou-o fixamente:

— Torg! — chamou, e seu tom de voz continha uma ameaça.

O corcunda se voltou, reconhecendo o tom, e olhou-o com olhos submissos.

— Deixe os lobos em paz, Torg! — ordenou Drácula.

— Eu não gosto deles... Um deles me atacou está noite... — gaguejou, torcendo as mãos.

— Deixe-os em paz — voltou a ordenar o mestre das trevas.

Torg abaixou a cabeça, depois se retirou. Algum tempo depois atravessava o bosque. Ouvia o rugir dos animais, seus passos rápidos sobre as folhas que o outono fazia cair das árvores.

Quando ganhou a estrada, olhou na direção da casa dos Gardner. Lá estava, possivelmente adormecida, deliciosa e lânguida sobre os lençóis, aquela bela garota que o perturbava intensamente.

Era uma sensação havia muito esquecida. Algo que tocava seu coração monstruoso e fazia seu corpo retorcido vibrar uma emoção leve, antiga e jovem ao mesmo tempo.

Seguia em frente, o mais rápido que podia. Chegou à estação. Comprou um bilhete e foi para a plataforma esperar.

Sua figura grotesca chamava a atenção. Torg percebia olhares de horror e piedade, mas não se importava com isso. Acostumara-se àquela aversão natural que seu corpo provocava nas pessoas.

Um dia voltaria a ser belo. O mestre lhe prometera isso e essa esperança animava pensamentos como os que tinha a respeito daquela garota.

Algum tempo depois chegava a Stevenage. Torg apreciava aquelas viagens rápidas de trem. O barulho ritmado, a paisagem diante de seus olhos, a distância passando como as horas.

Stevenage dormia calmamente. Com uma habilidade que desenvolvera ao longo dos anos, Torg caminhou pelas sombras como se fosse uma delas.

Localizar o endereço não foi difícil. Um instinto tenebroso parecia guiá-lo ao encontro das vítimas de Drácula, como se fosse um cão de caça em busca da presa abatida por seu dono.

Circulou a casa. Ganhou o jardim. Viu a janela aberta. Tremores espasmódicos abalavam seu corpo, eriçando seu rosto monstruoso.

Com uma agilidade inimaginável em seu corpo retorcido, saltou pela janela. Sobre a cama, recortada contra o vermelho vivo da cocha, estava a garota.

Seu corpo nu assanhou a volúpia do corcunda, que ofegou, aproximando-se. Havia beleza e maciez à sua disposição. Ele se sentou ao lado da cama. Suas mãos se estenderam, tocando-a.

Deslizou os dedos pelas carnes inertes da garota, apertando-as, gozando-as. Depois concentrou sua atenção no rosto deformado pelo terror.

Inclinou-se para ele e o beijou, mordiscando as faces prendendo os lábios entre seus dentes e alisando-os com a língua obscena.

Deitou-se inteiramente sobre ela, esfregando-se e ofegando, como se um prazer indescritível e indescritível e inenarrável o fizesse vibrar.

Estacou, porém, quando percebeu a marca roxa, com as duas perfurações características, no pescoço dela. Ergueu-se. Havia um espelho ao seu lado e Torg olhou-o.

Um riso sinistro desenhou-se em seus lábios refletindo uma revolta interior que se transformou no mais puro ódio. Drácula, com sua bela figura e seus modos cavalheirescos a conquistara. Para Torg, porém, ela jamais olharia, a não ser com asco.

Estava ali, no espelho, toda a verdade. Era horrendo era monstruoso, incapaz definitivamente de despertar qualquer outro sentimento no coração de uma mulher.

— Coração! — murmurou ele, quase num rugido enquanto suas mãos se crispavam.

— Ele se debruçou sobre o corpo da garota, socou seus seios, seu ventre, seu sexo, seus lábios pálidos e frios, até que se sentisse acalmar.

— Torg teria te amado... — balbuciou, trêmulo, depois enrolou o corpo da garota na colcha e levou-a para janela.

Saltou para fora, jogou o fardo macabro sobre os ombros, atravessou o jardim e foi para a rua. Começou a caminhar, ainda ofegante pelo ódio e pela revolta.

Ao dobrar a esquina, um policial solitário se aproximava, assobiando e girando o cassetete numa das mãos. Ao ver Torg com sua carga, indagou, intrigado.

— O que é isso?

Torg o olhou direto nos olhos. O policial estremeceu.

— Nada. Não está vendo que é nada? — falou Torg passando por ele...

Por instantes o policial ficou estático depois começou a caminhar, assobiando e girando o cassetete na mão, sem olhar para trás.

Torg encontrou um terreno baldio, onde havia restos de uma construção. Avançou por ela, até um ponto mais oculto. Deitou o corpo da garota e descobriu-o. Olhou-o por um longo tempo.

O brilho do luar ressaltava a palidez daquela pele. Ele se inclinou, então, e suas mãos pousaram logo acima dos seios. Um brilho macabro em seu olhar, um riso de gozo e suas mãos, como garras afiadas, rasgaram as carnes da garota e escavaram-nas em busca do coração.

Arrancou-o e ergueu-o diante dos olhos. Ali estava o início e o fim de tudo, receptáculo da maldição, fonte dos sentimentos.

Levou-o à boca e mordeu-o. Seu corpo estremeceu seus olhos se esgazearam. Como fera faminta e histérica foi devorando-os aos bocados, crispado pelo gozo, trêmulo pela emoção horrenda, marcando apressado, fungando esganadamente.

Quando terminou, empurrou o corpo da jovem para um canto e apanhou a colcha vermelha. Enrolou-a ao pescoço como uma capa, depois saiu coxeando.

Albertine entrou no escritório e foi direto para sua mesa. Guardou a bolsa numa das gavetas, depois olhou a correspondência. Separou-a e foi distribuir pelas outras mesas.

Mary Reading chegou em seguida, as olheiras marcando seu rosto, um aspecto horrível para uma garota em sua idade.

— Olá — disse-lhe Albertine. — Como passou a noite?

— Péssima, como sempre.

Albertine terminou de distribuir a correspondência, depois voltou para junto da mesa de Mary. Outras pessoas chegavam. Dentro em pouco o escritório seria uma agitação total.

— O que você tem, afinal? — indagou Albertine.

— Eu não sei explicar... Nem sei se me acreditariam... É absurdo demais, sabe?

— Você está assim desde que voltou. Foram as mortes de Susan e Dora que a abalaram tanto? O que houve em Falmouth, afinal.

— O que estava no jornal... Apenas o que estava no jornal — afirmou estremecendo.

Procurou um vidro de pílulas na bolsa. Engoliu uma delas, evitando encarar a amiga.

— Eu também não dormi muito bem ontem à noite. Imagine que há num bosque perto de minha casa...

— Lobos? — estranhou Mary.

— Sim, lobos mesmos. Eles uivam toda a noite. Mas o pior não é isso. Quando fui me deitar, tive a nítida impressão de estar sendo observada. Sabe como é isso, não? Você está num quarto, no segundo andar de sua casa, despindo-se diante da janela e vem aquele pressentimento... O pior de tudo era que a sensação era de ameaça também. Uma ameaça indescritível, mas forte, como se um fato irreversível estivesse para acontecer. Foi angustiante... — interrompeu-se, percebendo os olhos arregalados de Mary.

— Nunca ninguém explicou tão bem... É isso, Albertine. É isso o que sinto noite após noite. Um temor intenso, sobrenatural...

Seu tom de voz era rouco, impressionante, e fez Albertine engolir em seco e esboçar um sorriso medroso.

Balançou a cabeça de um lado para outro.

— Acho que estamos as duas muito nervosas — disse. — precisamos urgentemente de um pouco de diversão... Escute, por que não saímos juntas uma noite dessas? Chester tem muitos amigos, estou certa de que encontrará uma boa companhia para você... Sim, isso mesmo. Hoje é sexta, poderemos fazer isso esta noite. Eu falo com Chester, está bem?

— Eu não sei... Eu... — gaguejou Mary, incapaz de expor seus temores à amiga.

— Está decidido!

— Não, espere. Está noite não. Minha tia recebe as amigas para o bridge... Eu preciso estar lá para servi-las e...

— Amanhã, então. Isso, amanhã será melhor. Sairemos ao anoitecer, jantaremos fora. Depois iremos ao teatro... Há um belo espetáculo no Albert hall. Terminaremos a noite numa boate... Vamos, está bem assim?

Mary respirou fundo, trêmula e sufocada. A idéia de sair à noite a assustava tanto quanto ficar em seu quarto, olhando aquela porta, apertando aquele rosário, esperando que a qualquer momento algo sobrenatural

acontecesse para fazer cumprir aquela ameaça permanente que a punha em constante sobressalto.

Mas era o que precisava fazer. Tinha de sair, tinha de voltar ao à sua vida. Estaria acompanhada, haveria gente ao seu redor. Talvez não fosse tão difícil assim vencer aquele medo.

Sua cabeça balançou num sinal de aprovação.

O Prof. Hilgenstiller desceu do táxi diante daquela estranha loja na King's Road. Pagou ao motorista, depois olhou as vitrines com os artigos mais estranhos.

— Quem diria? — balbuciou, intrigado com tudo aquilo.

Avançou pela porta. Uma sineta tocou acima de sua cabeça. Um velho encarquilhado ergueu-se detrás do balcão, segurando um crânio de gato em seus dedos esqueléticos. Seu olhar brilhou. Ao longo do tempo aprendera a reconhecer as pessoas que entravam em sua loja.

Sabia aquelas que o faziam por curiosidade e as que tinham algo em mente e que vinham, decididas, à procura de alguma coisa que ao ajudasse.

No caso do homem magro e alto, de sobretudo cáqui, soube imediatamente que vinha à procura de algo.

— Sou o Prof. Hilgenstiller. Nós falamos pelo telefone...

— Oh, sim, professor! — respondeu o outro, sorridente. — Sou Abner Banks, eu me lembro de seu telefonema. Venha por aqui, por favor. Ao longo do tempo, tenho recebido os pedidos mais incríveis... Quando falei com o senhor, percebi que tinha exatamente o que procurava... Está aqui, no depósito. É valioso demais para ser exposto — foi dizendo enquanto conduzia o professor para os fundos da loja.

Ali, num quarto carente de arrumação, estacou diante de uma prateleira, sondando-a.

— Sim, ali está — disse apontando uma pequena caixa de veludo negro, puído pelo tempo, com manchas que atestavam sua passagem pelas idades. — Pode alcançar para mim? Sim, essa mesma.

O professor baixou a pequena e pesada caixa. O velhote tomou-a de suas mãos e levou-a para uma mesa velha. Acendeu uma lâmpada e dirigiu seu foco para cima da caixa. Espanou a poeira com suas mãos, depois tocou o fecho. Antes de abrir, olhou o professor.

— Tenho por princípio jamais indagar, professor, mas esta é uma peça especial para um pedido especial. Acredita mesmo que ainda existam vampiros?

Pela mente do professor, numa fração de segundo, desfilaram muitas imagens terríveis. Sim, acreditava porque vira, porque sentira em suas próprias carnes a influencia maléfica e maldosa daquele ser demoníaco.

Um rastro de vítimas já se formara à passagem do morcego humano. Vítimas que sofreram, após sua morte, ultrajes infames para que seus corpos se vissem livres daquela maldição.

— Aí está, professor. O espelho da Transilvânia, o autêntico, o único, a arma fatal para se destruir um vampiro.

Hilgenstiller olhou a peça que repousava em seu estojo. O espelho oval tinha uma moldura de prata interiça, toda trabalhada com símbolos que pareciam lembrar, ainda que vagamente, a Via Crucis.

No alto, com pontas semelhantes às de estacas, destacava-se uma cruz. A prata, em alguns pontos, apresentava as marcas características do tempo.

Olhou, então, o pergaminho. Desdobrou-o diante dos olhos. Era húngaro arcaico, com elementos turcos, realmente curiosos. Ainda assim, não era difícil, para um homem com o seu conhecimento, saber o que estava escrito.

— Interessante! — exclamou, começando a decifrar o pergaminho.

— O que diz aí, afinal, professor? — quis saber o velhote.

— Deixe-me ler... Deixe-me ler... — pediu o cientista, debruçando-se sobre o papel...

A sineta lá fora tocou, anunciando a chegada de um outro comprador.

— Vou deixá-lo sozinho, professor. Fique à vontade — disse.

Hilgenstiller puxou uma velha cadeira e sentou-se. O que lia era promissor e diversas vezes interrompeu a leitura para olhar com atenção o espelho.

Quando o Sr. Banks retornou, algum tempo depois, o professor segurava o espelho em suas mãos, olhando-se na superfície polida.

— E então, professor? — indagou o velhote.

— Fascinante! Realmente fascinante! Quanto custa?

O velhote engasgou. Havia interesse no comprador e não restava a menor dúvida de que a peça era antiga e autêntica. Seu tino comercial apontava-lhe a perspectiva de uma boa venda. Seu espírito, porém, fazia-o sentir-se quase apiedado do olhar sofrido e torturado do professor.

— Cem libras — disse, embora soubesse que se arrependeria.

CAPÍTULO 4

O Prof. Hilgenstiller levantou os olhos para o comerciante.

— Por que apenas cem libras, Sr. Banks?

— Foi o que me custou, professor... Depois, talvez seja exagero meu, mas creio que o senhor precisa desse espelho... Não o quer como antigüidade. Vê nele a arma que é, uma arma especial para um fim especial. Se estou certo na sinceridade que vejo em seus olhos, eu me sentiria um rato se o explorasse.

— É um bom homem, Sr. Banks. Eu pago as cem libras — disse o professor, sacando sua carteira.

O velhote recebeu o dinheiro, dobrou-o e meteu-o no bolso de seu colete. Depois olhou o espelho e o pergaminho.

— Conte-me, agora — pediu.

— Está bem, acho que lhe devo isso. Segundo o pergaminho, este espelho é uma obra de frades de um convento da Transilvânia, estudiosos do fenômeno e ansiosos pela descoberta de algo que livrasse a região de um terrível mal. Vampiros não se refletem, são sombras vivas, matéria inexistente que a força de uma maldição mantém unida e atuante. É difícil entender...

— Estou compreendendo... Continue, por favor!

— Sendo assim, o espelho foi elaborado com prata e uma secreta receita de polimento. Atrás do vidro, como matéria que produz os reflexos, está uma porção de água benta. Penso que jamais notou isso...

— Incrível! — exclamou o lojista.

— Estes símbolos aqui — apontou. — São todos símbolos máximos do cristianismo, elementos de bondade, de amor, de salvação. Um espelho comum não refletiria a imagem de um vampiro. Este, conforme diz o pergaminho, refletirá. O vampiro verá sua imagem, talvez a primeira vez em séculos, e se sentirá atraído, cativado, magnetizado, preso. Não conseguirá se afastar do espelho, nem poderá se aproximar o bastante para destruí-lo, por causa de seus elementos e da cruz. Lentamente será destruído, portanto. Mesmo que se cubra, que evite olhar a cruz, estará ali, à espera do golpe de misericórdia, se é que existe misericórdia para um monstro.

O comerciante ouviu perplexo a exposição do professor. Ouvindo-o, não tinha a menor dúvida de que ele tinha a arma e, com toda a certeza, o vampiro em quem a usaria.

Durante todo o tempo ali, em sua loja, habituara-se ao charlatanismo. O que o professor lhe dizia, no entanto, não lembrava isso.

Sentiu medo. Um medo instintivo, ameaçador, como jamais sentira em toda a sua vida.

— Estou impressionado, professor. Realmente impressionado. Gostaria de lhe perguntar mais, mas sinto que isso me assustaria muito. Boa sorte, professor. Boa sorte mesmo! — finalmente, um calafrio percorrendo seu corpo.

Hilgenstiller dobrou o pergaminho, guardando-o no estojo com o espelho e ergueu-se da cadeira.

— Quer que o embrulhe? — indagou Banks.

— Não, não será necessário, obrigado! — Agradeceu o professor.

Quando saiu, passou por uma banca de jornal e olhou as manchetes do mundo. Assinara os principais jornais do globo. Era importante isso. Em alguns deles, um dia, surgiria uma notícia que o levaria a Drácula novamente.

Suas vítimas eram certas e não poderiam permanecer ocultas por muito tempo. Seus crimes logo seriam notados, em algum lugar, e denunciados.

Quando isso acontecesse, Hilgenstiller estaria pronto para deixar todas as suas atividades e rumar para lá, com uma arma eficiente para destruí-lo.

Jurara isso no túmulo de sua filha. As circunstâncias de sua morte jamais se apagariam de sua lembrança. Isso o torturava e corroía seu coração de pai.

A bela Larah, uma flor de doçura, a alegria de seu coração, destruído, pela sanha assassina e desumana do vampiro. Suas mãos se crispavam e tremiam ao se lembrar do momento fatídico, quando enterrara no coração da filha a estaca que a mataria e salvaria ao mesmo tempo.

Era enlouquecedor.

— Quando vão acabar com ele, afinal? — comentou alguém ao seu lado, diante dos jornais pendurados.

— Como disse, senhor? — indagou, voltando-se para olhar o outro, um típico homem de negócios, com chapéu coco e guarda-chuva impecável enrolado.

— Falo de Jack, o Estripador. Está fazendo a Nova Scotland Yard de palhaço. Comete os crimes impunemente. Nossas mulheres e filhas vivem sob o regime do medo. A qualquer momento uma delas pode ser abatida pelo seu punhal implacável...

— Deprimente! — comentou o professor, olhando a manchete.

Jack zombava da polícia, zombava da população, zombava das mulheres, matando-as friamente. Por instantes, Hilgenstiller comparou-o ao próprio Drácula. Um monstro sem corpo, vagando pela noite, à procura de vítimas.

Só que Jack, com certeza, era apenas um homem. Um anormal, com instintos homicidas, que encontrava prazer em mutilar os corpos daquelas que caíam em suas garras.

Cedo ou tarde acabaria sendo apanhado. Era um mortal, apenas um mortal simples e comum como todos os outros. Uma bala da polícia o abateria.

Tornava-se, portanto menos assustador que Drácula, cujo corpo poderia ser crivado de balas, sem que nada lhe acontecesse.

Apertou com firmeza a caixa sob seu braço.

Anoitecera.

Do alto do castelo abandonado, Torg observava os arredores com seu binóculo. Sabia o que procurar, como sabia também que ela ainda não havia chegado.

Assim que o trem passasse, mais ou menos naquele horário, poderia vê-la outra vez. Ao longe, o rápido da British Rail se anunciou num apito agudo.

Torg desviou o binóculo para aquela direção acompanhando a marcha do trem, até que desaparece de seu campo de visão. Impacientou-se.

Ela chegaria dentro de pouco. Isso o fazia vibrar estranhamente, como se seu peito, após um longo sono, se visse despertado para sentimentos entenercedores e, ao mesmo tempo, voluptuosos.

Esperou com a paciência dos que sabiam esperar. Acompanhava com interesse cada veículo que cortava a estrada... Rosnava furioso a cada vez que um ruído qualquer no bosque indicasse a presença dos malditos lobos.

Não precisou pensar muito para entender por que eles vinham. Drácula os atraía. Na certa haviam farejado a presença do vampiro.

Era sempre assim. Dispostos a disputar a carne das vítimas, os lobos, movidos por um instinto que Torg não compreendia, rodeavam, à espreita.

Mas eram apenas animais, todos animais. Drácula jamais atacaria alguém ali por perto. Era esperto o bastante para fazê-lo em outros pontos, confundindo quem quer que investigasse...

Estremeceu, assentando o binóculo na direção da casa, no outro lado da estrada, além do bosque. Um veículo deixava a pista para subir a alameda que levava até a frente da construção.

Torg regulou o aparelho. Podia ver claramente o rapaz, ao volante. Era belo, com um sorriso fácil nos lábios. A inveja e o ódio cresceram em seu coração.

Depois, quando o rapaz desceu e contornou o veículo, seu peito pareceu explodir. Ela surgiu, bela e atraente, enterrecendo-o, abalando-o, perturbando-o.

Por momentos o casal conversou. Depois, o rapaz segurou a garota pelos ombros e beijou-a. Ela enlaçou-o pelo pescoço e retribuiu.

Torg abaixou o binóculo, rosnando, estremeendo, crispando-se. Uma gargalhada sinistra atrás dele, o fez se voltar e encarar a figura horrenda do vampiro. Encolheu-se, constrangido, tentando esconder o binóculo.

— O que tem aí, Torg? — indagou Drácula.

— Nada mestre. Um brinquedo...

Drácula se aproximou e segurou-o pelo braço. Sua força era descomunal. Torg cedeu, exibindo o aparelho.

— O que é isso? Ah, sei... O que você olhava com tanto interesse? — indagou, tomando o binóculo e levantando-o aos olhos.

Vasculhou os arredores, tentando encontrar o que Torg olhava, Viu, então, Albertine entrando em sua casa, acenando graciosa e amorosamente para Chester que partia...

Concentrou-se na figura da garota. Esbelta, simpática, bonita, virgem com certeza. Detalhes como esse o interessavam. Estava cansado daquelas mulheres da vida, prostitutas cuja falta ninguém sentia e cujas presenças enojavam um homem de classe.

— Bela! Muito bela! — murmurou, a voz pastosa pelo desejo e pela volúpia.

— Não, mestre, ela não! — pediu Torg, quase suplicando.

— Não sou tolo, Torg. Está muito próximo do castelo... Mas é tentadora...

Torg olhou-o com ódio, com inveja, com rancor, com tudo de ruim que podia nascer de seu coração. Drácula tinha tudo, Drácula podia se aproximar de uma garota como aquela sem despertar repulsa.

Isso torturava e angustiava o corcunda.

— Vai sair, mestre? — indagou, tentando desviar-lhe a atenção.

— Possivelmente — respondeu Drácula, observando Albertine entrar em casa e fechar a porta.

Baixou o binóculo, pensativo. Era tentador realmente tentador. Havia algo nas virgens que o transformava e perturbava. Elas lhe despertavam o gosto por prazeres esquecidos. Elas eram capazes de despertar sua sexualidade.

Lembranças antigas, de orgias de sangue e sexo, bailaram em sua mente. Albertine era a virgem ideal para revivê-las. O gozo sádico do sexo estava desperto em seu corpo, espicaçando-o terrivelmente.

Pena que aquela virgem morasse tão perto do castelo. Pena mesmo.

Passou o binóculo a Torg, depois gargalhou, percebendo que isso torturava o corcunda.

— É virgem. Torg. Isso não o afeta? Não desperta instintos brutais e deliciosos? Não faz girar sua mente com pensamentos de volúpia e lascívia? Pena que você seja tão repugnante Torg. Ela jamais olharia para você sem asco, sem desejar vomitar a podridão humana que você é — falou o vampiro com maldade.

— Sim, mestre... Sei disso, mestre... — murmurou Torg, encolhido contra as pedras, envergonhado, humilhado, maltratado. — Mestre... Quando terei um novo corpo?

— Quando eu decidir, meu fiel servo, meu bastardo amaldiçoado — riu Drácula, recuando e sumindo nas trevas.

Torg ficou só com seu sentimento e sua maldição. Olhou o binóculo, odiando-o e adorando-o. Voltou-se para a casa e observou, tentando localizar a figura terna e bela de Albertine, única coisa capaz de acalmar seu coração e aplacar aquele ódio sombrio e impotente.

Não a viu, porém, mas desejou vê-la, não à distância, mas tão próximo que pudesse sentir-lhe o perfume das carnes frescas e tentadoras.

A idéia envolveu-o, dominou-o, assanhou-o. Vê-la de perto, tão de perto que pudesse tocá-la, acariciá-la, senti-lhe a maciez virgem da pele morna e provocante.

Uma idéia lhe ocorreu. Recordou-se do garoto na plataforma da estação, depois o policial, na rua, quando levava o corpo daquela jovem vitimada por Drácula...

Sim, podia ser sua solução. Tinha o poder de hipnotizar, sugestionando mentes, dominando-as, envolvendo-as, confundido-as.

Por que não?

Desceu as escadarias escuras, esbarrando em teias de aranhas, assustando enormes ratazanas à sua passagem. No jardim, pouco depois, desprezou o rugir dos lobos e afundou-se pelo bosque.

Seus passos desiguais sobre folhas secas soavam como um pesadelo sufocante. Sua respiração apressada traía sua excitação.

Era um ser monstruoso, mas poderia ser diferente, se tivesse a oportunidade de olhar direto nos olhos da garota, antes que ela fugisse assustada.

Diante do televisor, Albertine acompanhava com seus pais, o editorial apresentado pelo locutor da televisão. Falavam de Jack, o Estripador, e de seus crimes impunes, da impotência da Scotland Yard, do medo que se espalhava sobre Londres, do clima de insegurança total.

Pensou no terror das vítimas e se lembrou de Mary e de seu problema. Jamais o entendera. Mary evitava falar, mas tudo estava ligado aos crimes de Falmouth, onde duas garotas haviam sido mortas cruelmente.

Alguma coisa maior deveria haver por detrás de tudo aquilo. Algo capaz de intranqüilizar Mary, de abalá-la terrivelmente, de martirizá-la noite após noite.

— Mamãe, Chester virá me apanhar amanhã, ao anoitecer. Vamos jantar juntos, ir ao teatro e, depois, dançar um pouco... — avisou.

— Espero que se divirta, querida — respondeu a mulher, mais interessada no que via na televisão.

— Vamos levar Mary Reading conosco. Acho que já falei sobre ela, não?

— Não é aquela que vive tomando pílulas?

— Sim, ela mesma.

— E por que ela toma pílulas? — quis saber Stanley...

— Problemas, papai — respondeu ela, sem saber como explicar.

Calaram-se, enquanto o locutor desfiava o nome das vítimas do Estripador. As fotos se sucediam na tela. Mulheres jovens, algumas de meia idade, todas trucidadas ferozmente, impiedosamente.

Albertine remexeu em sua poltrona, inquieta, como se um frio vento soprasse contra sua nuca. Girou o corpo e olhou ao seu redor, intrigada.

— O que foi, querida? — notou a mãe.

— Parece que há um vento encanado por aqui...

— Devo ter deixado a janela da cozinha aberta...

— Eu vou fechá-la, então — disse Albertine, levantando-se.

Deixou aquele aposento, caminhou pelo curto corredor, até a cozinha. Olhou ao seu redor. As janelas estavam fechadas. Aquela sensação angustiante da noite anterior se repetiu. Ela sentia-se observada.

Um calafrio instintivo percorreu seu corpo. Ela tratou de retornar à sala. Sentou-se diante do televisor. Aquela sensação persistia.

Então, nitidamente, teve aquela impressão novamente. Parecia haver alguém a suas costas, olhando-a fixamente, quase a dominando hipnoticamente.

Tudo parecia centralizar-se na janela atrás de si. Temerosa, olhou o pai, quase suplicante.

— Papai... A janela atrás de mim está fechada? — indagou, ligeiramente trêmula.

— Não... Não mesmo — afirmou ele, após uma rápida olhada. — algum problema? Você me parece assustada...

— Nada — sorriu ela, medrosamente. — Acho que o noticiário me impressionou, apenas isso.

— Com toda certeza — afirmou Stanley.

CAPÍTULO 5

— Querida, positivamente você me parece assustada — observou Stanley Gardner, olhando a filha se remexer em sua poltrona.

— Não sei... — gaguejou ela, sentindo-se possuída de estranha perturbação.

— Talvez sejam esses lobos... Eles uivam a noite toda... Alguém tem que fazer alguma coisa, Stanley — disse a Sr. Gardner.

— Fazer o que? Liguei para a polícia, acha que não liguei? Sabe o que me disseram? Que tivesse mais cuidado com o gim. Eu nem bebo...

— Os jornais... Acho que devemos ir aos jornais. Quem sabe a própria televisão. Lobos em Coventry seria uma notícia interessante, não? — opinou a dona da casa.

— Pode ser... Tenho um amigo no Times. Falarei com ele amanhã cedo. Se isso não der certo, vou convocar o pessoal do condado. Muitos já estão inquietos também com esses lobos. Poderemos, então, caçá-los.

— Stanley Gardner, se acha que vou permitir... — começou a mulher.

Albertine se levantou, cumprimentou-os e subiu rapidamente para seu quarto. Queria escapar àquela sensação intensa e, ao mesmo tempo, deixar os pais a sós para que discutissem.

Em seu quarto, atirou-se na cama e ficou pensando, tentando definir exatamente o que sentia. Um lobo uivou lá no bosque, sobressaltando-a.

Levantou-se e foi até a janela. Por instantes qualquer coisa chamou a sua atenção no jardim.

Julgou ter visto uma sombra disforme e assustadora, mas foi tudo muito rápido. Outro lobo uivou e ela se encolheu, fechando rapidamente as cortinas.

Naquele sábado, Hilgenstiller levantou cedo como de costume. Preparou seu desjejum, comeu-o e depois foi até o jornaleiro, onde recebeu os jornais de sempre.

Conversaram por instante, depois o cientista retornou ao seu pequeno apartamento. Fazia aquilo todas as manhãs. Li atentamente aqueles jornais, na esperança de localizar qualquer notícia que o levasse a Drácula.

Como os outros dias, porém, sua busca se revelou infrutífera. Apanhou o Times, o último deles, e foi se sentar na sala. Ali estava mais uma manchete a respeito do Estripador.

Uma garota fora encontrada numa construção em ruínas. Havia sido barbaramente espancada e dilacerada. Havia uma foto. Hilgenstiller olhou-a e se apiedou.

Apesar da vulgaridade daquele rosto, havia juventude nele. A juventude, extirpada daquela forma, sempre tocava fundo seu coração.

Por um motivo qualquer, talvez instintivo, olhou para o pescoço da vítima. Havia ali uma mancha escura que o fez estremecer febrilmente.

Observou melhor. Lembrava-se de algo como aquilo. Vira-o no pescoço de sua filha. Podia ter sido de uma pancada violenta ou...

— Não, não poder ser — afirmou, levantando-se e indo apanhar seu sobretudo.

Saiu para a rua, tomou o ônibus. Sabia onde deveria ir para tirar aquela dúvida. Levava o jornal consigo. Voltou a abri-lo. Leu toda a notícia.

Comentavam que, daquela vez, o monstro retirara o coração da vítima. Esse detalhe ganhou importância. Não vinha acompanhando as notícias sobre Jack, Estripador. Sua preocupação era Drácula, mas havia ali, naquela notícia, qualquer coisa inquietante.

— Terrível, não? — observou um homem, ao seu lado.

— Refere-se ao Estripador? — retrucou.

— Sim, ele mesmo. Minha mulher não sai de casa por um instante, à noite, o que tem sido péssimo para todos.

— Tem acompanhando as notícias sobre os crimes?

— Sim, sei tudo sobre todos eles.

— Diga-me uma coisa, então: Jack sempre extirpa o coração de suas vítimas?

— Não... No princípio não. Depois começou a alterar essa atitude. De algumas ele rasga as vísceras, mutila. De outras, apenas espanca e retira o coração...

— E capaz de precisar a quanto tempo ele começou a retirar o coração das vítimas?

— Penso que... — hesitou o homem por instantes. — penso que desde o começo do outono. Sim, precisamente. Desde o começo do outono.

Hilgenstiller fechou o jornal. Estava febril, impaciente. Pouco depois chegava à estação do metrô. Tomou-o em direção ao norte da cidade, onde sabia ser a morgue municipal.

Uma vez lá, procurou o setor que o interessava. Foi atendido por um rapaz sardento, metido num avental que lhe dava uma falsa aparência de importância.

— Sou o prof. Hilgenstiller... Gostaria de ver o cadáver da garota que foi morta...

— Refere-se à vítima do Jack?

— Um instante apenas, professor — disse o rapaz, entrando por uma porta.

No momento seguinte retornou, acompanhando de um outro homem. Hilgenstiller percebeu que se tratava de um policial.

— Sou o Inspetor Timothy Asbury, da Scotland Yard. Posso ver seus documentos?

— Sim, claro — respondeu o professor, passando-lhe sua identidade.

O policial o reteve em suas mãos, enquanto examinava o homem à sua frente.

— Posso saber qual seu interesse no caso, professor?

— Curiosidade científica apenas... Sou professor da Sociologia, o assunto me interessa...

— Está bem, professor. Espero que não se incomode em deixar seu endereço anotado naquele livro — apontou.

— Sim, claro — concordou o cientista, indo fazer o que ele pedira.

Depois, o atendente o conduziu pelo corredor até uma porta. O policial os acompanhou à distância.

O rapaz adiantou-se e foi até uma das gavetas do imenso congelador, onde estavam dispostos os cadáveres à espera de sepultamento.

Abriu uma delas e fez um sinal para o professor, que se aproximou. O policial chegou à porta e ficou observando, com interesse.

O rapaz ergueu o lençol que cobria o rosto da garota. Depois, num movimento brusco, desnudou o resto do corpo. Uma cicatriz enorme se destacava acima dos seios dela. Muitos pontos haviam sido dados para reparar o ferimento.

Hilgenstiller, no entanto, olhava para o pescoço da garota. Empalideceu, engolindo em seco.

— Meu Deus! — exclamou, impressionado, horrorizado, aquele ódio mortal agigantando-se dentro dele, sufocando-o, torturando-o com as lembranças mais doloridas de sua vida.

Ao perceber sua reação, o policial adiantou-se.

— Conhecia a garota, professor?

— Não, não a conhecia... — respondeu, encarando o atendente. — Sabe se há, ainda, mais alguma das vítimas de Jack por aqui?

— Acho que ainda temos duas delas... Quer vê-las?

— Sim, por favor — pediu o professor, transfigurado.

— qual o seu interesse, afinal, professor? O que o impressionou tanto?

— É só um instante, inspetor — disse, caminhando até a outra gaveta aberta pelo rapaz.

Observou o corpo. Estava marcado, com remendos em todo o ventre, mas o coração intacto. Nada havia de anormal em seu pescoço.

— E está é a última — disse o rapaz, abrindo outra.

Hilgenstiller foi até ela. Observou o corpo e, novamente, aquela revolta interior se manifestou dentro dele. Apontou para o pescoço da garota.

— Veja isso, inspetor. Tem alguma explicação para as perfurações?

— Perfurações? — intrigou-se o inspetor, debruçando-se sobre o cadáver.

O cheiro forte de formol feriu suas narinas.

— Mas... São idênticas às outras da garota encontrada ontem...

— E desta foi arrancado o coração, assim como da outra. Não lhe parece uma quebra muito brusca no padrão geral dos crimes?

— Sim, como se fossem duas pessoas diferentes... Duas pessoas diferentes... Como não percebemos isso antes? É possível estabelecer dois estilos aqui. Por isso estivemos tão confusos, andando em círculos. Preciso informar à Central — disse, caminhando apressado para a porta.

Estacou, porém, e se voltou para o professor.

— O que sabe sobre isso, afinal?

— Não sei se me acreditaria, inspetor.

— No ponto em que estão as coisas, eu acreditaria em qualquer coisa — afirmou o inspetor, desolado.

Quando o jovem ao volante desligou o motor do veículo, Stanley Gardner surgiu à porta da casa, olhando-o com curiosidade.

— É o Sr. Stanley Gardner? — indagou.

— Sim, ele mesmo.

— Sou Michael Kane, repórter do Times...

— Oh, sim, por favor, Sr. Kane. Vamos entrar — convidou o dono da casa, conduzindo-o até a sala.

Ali o fez sentar-se. Depois se acomodou em sua poltrona preferida e aguardou as perguntas.

— O senhor telefonou ao jornal...

— Sim, ao Doug Flower, um velho amigo...

— Isso mesmo, Sr. Gardner. Mencionou algo a respeito de lobos?

— sim, lobos, aqui em Coventry. Eu mesmo vi um deles, daquela janela — apontou. — Minha filha e o namorado quase atropelaram um, na estrada. Qualquer morador por aqui poderá lhe descrever os uivos horripilantes que cortam a noite, assustando a todos...

— Tem certeza de que não se trata de cachorros? Pelo que sei, há um canil da prefeitura aqui perto e...

— Tenho absoluta certeza, rapaz. Não sou tão idiota a ponto de não diferenciar um lobo de um cachorro — disse Gardner, severamente. — Digo-lhe que vi um lobo e era um lobo mesmo.

O repórter pigarreou e fez algumas anotações.

— Pode me mostrar o local, Sr. Gardner?

— Sim claro. Só vou avisar minha esposa — avisou, subindo o segundo pavimento da casa, de onde retornou logo depois.

Deixaram a casa, desceram pela alameda e caminharam pela estrada.

— foi ali, naquele ponto, que vi o lobo diante dos faróis do carro. Ele veio e entrou por aquelas moitas, na direção do bosque.

O jornalista acompanhou-lhe o gesto. Depois olhou o bosque e, após ele, as muralhas escurecidas do castelo. A brisa soprou, trazendo um odor putrefato.

— Sentiu isso, Sr. Gardner?

— Sim, parece carniça... Possivelmente os lobos fizeram alguma vítima... Algum animal doméstico com certeza.

— Eu gostaria de entrar no bosque... Acha isso perigoso?

— Não sei... Não se nota sinais dos lobos durante o dia. Eles se escondem... Está bem, vamos, então.

Atravessaram a cerca e avançaram na direção do bosque. O outono desfolhava as árvores dando-lhes um aspecto fantasmagórico.

Os dois caminharam com dificuldade. O cheiro de carniça se tornou mais forte.

— Parece vir daquela direção — apontou Gardner.

— Vamos ver — disse o rapaz, caminhando para lá.

Pouco depois, perceberam, semi encoberto pelas folhas caídas, os pêlos de um animal morto. Parecia ser um cão, mas, quando se aproximaram, descobriram.

O corpo mutilado e vermes esbranquiçados pulavam na matéria gosmenta em putrefação. O repórter apanhou um lenço e cobriu o nariz, aproximando-se ainda mais.

— É um lobo, sem sombra de dúvidas — afirmou Gardner.

— Um lobo, realmente. Mas isso é incrível... Um lobo, aqui em Coventry... De onde poderia ter vindo? É realmente intrigante, não?

— É assustador. Precisa ouvir aqueles uivos, Sr. Kane.

O rapaz endireitou o corpo, olhando ao seu redor. Viu, então, as muralhas do castelo.

— É o castelo dos Panter, uma família muito antiga aqui em Coventry, o último descendente morreu há algum tempo, numa expedição à Índia. Até agora não decidiram o que será feito dele, o que é uma pena. Trata-se de um monumento histórico, devia ser preservado. Fale isso em sua reportagem.

— Pode estar certo que o farei, Sr. Gardner. Vou tirar algumas fotos do lobo. Ninguém acreditaria.

O inspetor-chefe esboçou um sorriso de ironia e incredulidade, depois ficou batucando com sua caneta sobre o tampo da escrivaninha.

Hilgenstiller o olhou. Sabia que não seria acreditado.

— Escute, professor. Sei que nos prestou uma grande ajuda. Vamos investigar o que nos disse. Se precisarmos de alguma outra explicação, nós o procuraremos.

O professor percebeu que estava sendo gentilmente despedido. Exasperou-se. Precisava ser acreditado. Estava convicto de que aquelas garotas haviam sido vítimas do Drácula.

Não havia outra explicação. Apenas não entendia por que o monstro extirpava-lhe o coração. Ainda assim, estava certo de que, logo que pudesse pensar com clareza, chegaria a uma boa conclusão.

— Não acredita em mim, não é? — indagou.

— Professor, vou ser franco. Esse Jack nos tem feito de tolos. Agradecemos todas as pistas e investigaremos todas elas. A sua, porém, é impraticável. O que nos contou é fantástico, é incrível, é inacreditável, é inaceitável nos tempos modernos. Vampiros são lendas, apenas isso. Já pensou o que diriam os jornais se soubessem que estamos investigando algo assim?

— E já pensou o que dirão os jornais quando descobrirem que não investigou? Que de alguma forma contribuiu para que crimes monstruosos fossem perpetrados?

— Eu sinto muito, professor — lamentou o inspetor-chefe, aborrecido pelas palavras do outro.

— Claro que sente, inspetor-chefe. Claro que sente. — repetiu Hilgenstiller, caminhando para a porta de saída.

Mary apanhou seu melhor vestido e o estendeu sobre a cama.

Albertine lhe telefonara, confirmando o programa daquela noite. De algum modo, Mary se sentia eufórica. Era a primeira vez, desde que voltara a Londres, que fazia aquilo. Seria bom poder quebrar aquele círculo-vicioso de medo em que se metera.

Foi apanhar um sapato que combinasse com o vestido. Ao fazer isso, deixou cair, de uma caixa, um recorde de jornal. Apanhou-o raivosa e amassou-o entre os dedos. Era um jornal de Falmouth, a respeito dos crimes que haviam acontecidos lá, durante o verão.

Mary jogou longe o papel. Queria esquecer tudo aquilo, precisava. A figura sinistra daquela noite horrível lhe veio à mente, fazendo-a estremecer.

— Não... Não devo pensar mais — disse a si mesma, olhando o vestido e os sapatos.

Tinha uma noite agradável pela frente e tencionava aproveitá-la a todo custo. Seria um esforço tremendo, mas precisava ser feito.

Despiu-se e foi para o banho. Quando retornou, sua velha tia surgia à porta do quarto. Sorrindo ao perceber o vestido sobre a cama.

— Fico feliz por você, minha filha — disse com carinho.

CAPÍTULO 6

Mary estava se divertindo. Todos os seus temores pareciam, agora, infundados. Estava livre, cercada de pessoas alegres e atenciosas.

O amigo de Chester era muito interessante e dedicava um carinho todo especial à garota, fazendo-a participar da noite que prometia ser muito agradável.

Estavam em um dos bons restaurantes da cidade. A comida fora servida, acompanhada de excelente vinho. A bebida serviu para deixá-la à vontade, totalmente solta e desinibida.

—Conheço uma boate que vai surpreender a todos — disse Jonnas, amigo de Chester.

— Vamos adorar, estou certa — falou Mary, olhando Albertine, que sorria para ela.

— Estou tão contente por você, Mary — disse a outra.

— Que tola eu estava sendo — desabafou Mary, olhando ao seu redor.

O ambiente discreto e acolhedor a fazia se sentir bem. Um certo requinte nos serviços e na decoração dava aquele grau exato de distinção que cativava as pessoas, sem deixar de fazê-las se sentirem à vontade.

Alongou um pouco mais o olhar, até o palco onde uma pequena orquestra se preparava para mais um número. Suspirou e sorriu.

Foi quando seu olhar se viu atraído pela figura elegante que entrava. Por momentos, o rosto dele se ocultou atrás de algumas plantas que compunham a decoração do hall de entrada.

Depois, quando ele deixou o sobretudo na chapelaria e avançou, um calafrio de mortal pavor percorreu o corpo de Mary, fazendo-a empalidecer...

Seu corpo se enrijeceu, a seguir. Suas mãos crispavam-se sobre a toalha da mesa, repuxando-a e fazendo entornar seu corpo de vinho.

— Mary, o que houve? — indagou Albertine, levantando-se rapidamente para evitar que o líquido escorresse para seu vestido.

— Deus! — murmurou Mary, reconhecendo aquela figura.

Seus pensamentos se voltaram para aquele rosário esquecido na gaveta de sua mesa de cabeceira. Estava lá e era sua única arma, a única coisa capaz de dar-lhe alguma sensação de proteção.

— Eu preciso ir... Eu preciso ir, pelo amor de Deus! — suplicou, livrando-se da mão que a segurava pelo braço.

Precipitou-se em direção à porta. Esbarrou numa das mesas e caiu. Todas as atenções se voltaram para ela. Quando se ergueu, olhou na direção de Drácula. Ele a viu, então, reconhecendo-a. Sorriu sinistramente, o que mais a apavorou. Viu-o mover-se em sua direção e correu para a saída, sentindo o bafo da morte em seu encalço.

Gritou por um táxi. Quando entrou nele olhou na direção da porta. Albertine e seus amigos saíam para vê-la, intrigados. Atrás deles, deles, olhando-a, estava o terror.

Forneceu o endereço ao motorista e pediu-lhe que corresse. Precisava chegar em casa, precisava apanhar aquele rosário e apertá-lo contra o peito.

Chegou em casa. Pagou o motorista com uma nota de cinco libras e desprezou o troco. Ao tentar abrir a porta, suas mãos tremiam e a chave resvalava, Quis chorar, quis gritar, mas se sentia impotente para tudo.

Entrou, finalmente, batendo a porta. Depois correu para seu quarto. Abriu a gaveta, derrubando-a. Procurou febrilmente entre os objetos, até apanhar o rosário e desatar num pranto convulsivo.

Sua tia surgiu à porta, sonolenta e curiosa.

— Mary, o que está havendo?

— Eu o vi, tia. Eu vi aquele monstro maldito! — gritou fora de si.

Batidas secas na porta quase a fizeram desfalecer. Seu rosto se tornou mortalmente pálido.

— Não atenda, tia. Não atenda, pelo amor de Deus!

— Mas Mary... — hesitou a mulher, confusa.

As batidas insistiram. A velha senhora caminhou para lá.

— Não tia — suplicou Mary, mas a mulher já abrira a porta.

A boca da garota se abriu para um grito de horror que permaneceu calado, enquanto a figura sinistra de Drácula avançava pela sala, em sua direção.

Saltou sobre a cama e empurrou a porta do quarto, trancando-a. Quis se mover, quis correr para algum lugar, quis gritar, mas tudo estava fora de seu controle e apenas aquele pavor existia.

Ouvia um baque e um gemido dolorido. Depois outro, como se um corpo tivesse sido jogado contra a porta, abalando-a. Novas batidas como aquela se sucederam, até um silêncio pesado e opressivo reinar.

Mary ouviu então, nitidamente, o som daquela respiração animalesca do outro lado da porta. Era como se ouvisse o som da própria morte.

— Mary Reading! — disse uma voz metálica e assustadora do outro lado. — Nosso encontro era fatal. Deixei algo incompleto da última vez. Não resista, você não pode.

Os braços dela penderam, imóveis ao longo do corpo. O rosário escapou de seus dedos, escorregando para o chão. Ela se voltou e abriu a porta.

Uma cena dantesca se exibiu ao seu olhar demente. No chão, banhado em sangue, jazia o corpo de sua tia. Pelas paredes da sala havia manchas de sangue. Drácula a jogara de um lado para outro como um boneco.

Ela estremeceu quando as mãos frias tocaram seus ombros. Aquele hálito infernal banhou seu rosto pálido. Aquele respiração demoníaca gravou-se em seus ouvidos.

Ele a empurrou lentamente para dentro do quarto, olhando-a nos olhos, sempre. Fechou a porta atrás de si. Mary recuou até a cama. Drácula levou

a mão à cabeça e cambaleou. Depois urrou, sentindo seu pé em chamas. Pisara no rosário.

— Tire isso daqui! — ordenou, as feições crispadas.

Mary apanhou mecanicamente o objeto e foi guardá-lo na gaveta de sua penteadeira. Ao olhar o espelho não viu o monstro atrás de si, Voltou a cabeça numa vã esperança. Ele estava lá, no entanto, recuperando-se e olhando-a com volúpia e assanhamento.

Seus olhos injetaram-se e ganharam um brilho infernal. Seus lábios palpitavam, arreganhando-se lentamente e descobrindo as presas fatídicas.

Ele se aproximou, então. Pousou suas mãos frias sobre o rosto dela e as deslizou até o pescoço, pressionando o polegar sobre a veia jugular, sentindo o fluir ritmado do sangue, ao compasso das batidas assustadas daquele coração.

— Fique calma... Fique calma... — ordenou, aproximando seus lábios do pescoço dela, enquanto suas mãos escorregavam para as costas macias e femininas.

Rosnou ofegante, ao tocar a pele e arranhá-la com suas presas. Arrepios percorreram o corpo de Mary, mas ela nada mais sentia. O pavor se fora. Estava calma. Mortalmente calma.

Os dentes rasgaram sua pele e o sangue esguichou para os lábios do vampiro, que resfolegou. Apertando-se contra ela, em espasmos de puro prazer, sorvendo a vida que se esvaia do corpo dela.

— Acho que devíamos ir a casa dela — dizia Albertine.

— Ora, Al, depois do que ela fez? Sua amiga precisa de cuidados médicos, não da nossa companhia — descartou Chester, aborrecido pelo vexame que a conduta imprópria de Mary havia provocado.

— Penso que vocês vão continuar o programa iniciado. Isso me exclui, portanto. Uma boa noite para vocês — despediu-se Jonnas.

— Eu sinto muito, Jonnas — disse Albertine.

— Esqueça — sorriu o rapaz, afastando-se.

Ela ficou só com Chester, ao lado do carro. Olharam-se. Albertine forçou um sorriso. A noite estava irremediavelmente perdida.

— Valeu a tentativa, não valeu? — indagou ela.

— Claro que sim, querida. Você fez o possível por ela — disse Chester, com carinho, tomando-a nos braços e beijando-lhe a testa. — Tem certeza de que não quer mesmo ver o espetáculo no Albert hall?

— Prefiro ir para casa. Eu não seria uma boa companhia, querido.

— Como quiser, meu bem — concordou ele, abrindo-lhe a porta do veículo.

Torg deixou o castelo para ir cumprir sua macabra missão. Atravessou o bosque. O rugir dos lobos e seus passos rápidos pelas folhas secas o incomodavam. Aproximava-se da cerca, quando ouviu o carro que chegava.

Permaneceu oculto atrás das sebes, observando a passagem do veículo. Reconheceu-o, assim como a garota do veículo ao lado do motorista.

Era ela e isso fez pulsar seu coração deformado. O desejo de vê-la se fez maior que a ordem do mestre. Assim que o carro se afastou, ele atravessou a estrada e subiu pelo jardim da casa dos Gardner.

Viu o veículo parar diante da residência. Albertine e Chester ficaram conversando. O corcunda se aproximou o mais que pode. A lâmpada do alpendre iluminava o rosto da garota, mostrando-o em toda a sua beleza.

Procurou ver Chester. Era um belo rapaz. Na certa Albertine o amava e essa idéia fez Torg odiar o outro. Um ódio profundo, mortal, destruidor.

Ficou ali até que os dois se beijassem e Albertine descesse do veículo. Havia silêncio na casa. Na certa os pais da garota estavam dormindo. Ela

esperou até que o veículo fizesse o contorno e se afastasse, descendo a alameda.

Depois procurou a chave em sua bolsa. Torg deixou seu esconderijo, o coração aos saltos, os lábios disformes entreabertos e úmidos de um desejo obscuro.

Seus passos desiguais alertaram a garota, que se voltou. Num salto ágil, Torg ganhou o alpendre. Seus olhos brilhantes se fixaram nos olhos dela.

O terror desapareceu do rosto da jovem. Ela sorriu submetida pela hipnose maléfica daquele olhar.

— Chester, eu pensei que tivesse ido — sorriu ela.

— Meu carro... Meu carro teve um problema... Sim, isso mesmo — gaguejou Torg, percebendo-a sob seu domínio.

— Quer usar o telefone? Posso acordar papai e pedir-lhe que o leve...

— Não, não é preciso... — ofegou o corcunda trêmulo de emoção. — Eu só queria... Só queria... Um beijo seu... Um beijo, querida — balbuciou.

— Oh, meu adorador! — exclamou ela, as mãos delicadas subindo pelo peito dele, enlaçando seu pescoço, escorregando até a corcova horrenda.

Lágrimas brilharam nos olhos dele. Seus lábios se entreabriram, ofegando de gozo e emoção. A boca tornada e tentadora da garota se aproximou.

Um súbito esvoaçar alertou Torg, que se voltou repentinamente. O grande morcego pousou diante deles, fosforescente, tomando a forma de Drácula.

Albertine ficou imóvel, como se nada visse e nada sentisse, alheia, distante, enquanto Torg caía de joelhos diante do mestre.

— Perdoe-me, mestre! Ela é tão bela...

— Você me desobedeceu, Torg. Você me desobedeceu pela primeira vez e agora vou castigá-lo por isso — murmurou o vampiro, a voz ameaçadora como as presas que sobressaíam em sua boca.

— Sim, mestre. Eu mereço — concordou Torg abaixando a cabeça e esperando o castigo.

Drácula apoiou um dos pés em seu peito e empurrou-o para trás. Depois se aproximou de Albertine. Seu perfume de virgem, sua pele macia, seu pescoço torneado, tudo despertou uma volúpia intensa, orgíaca, demoníaca.

— Não, mestre, ela não — suplicou Torg, erguendo-se.

Seu tom de voz fez Drácula se voltar para ele, as presas arreganhadas, o olhar destilando cólera.

Torg olhou a garota, depois recuou, em guarda. Seu rosto se alterou. Seus dentes rebrilharam. Suas mãos se crisparam como garras.

Drácula entendeu a ameaça. Podia dominar Torg a qualquer momento, menos naquele. A idéia de ter de medir forças com ele não o agradava. Precisava de Torg.

— Demônios o levem, seu aborto da natureza, filho de uma víbora degradada! Farei sua vontade, mas terá seu castigo no momento certo.

Torg estremeceu. O que fizera fora imperdoável, mas não podia permitir aquilo.

Arrastou-se aos pés do vampiro, tomou-lhe uma das mãos e beijou-a, em sinal de respeito e submissão.

— Perdoe-me mestre. Perdoe-me.

Drácula escarrou sobre ele, depois desceu os degraus do alpendre e se perdeu na noite. Torg se ergueu lentamente. Olhou a garota, ainda imóvel.

— Pode entrar, querida! — disse e lágrimas brilharam seu rosto deformado, dando-lhe, por instantes, um aspecto verdadeiramente humano.

Um homem entrou todo nervoso na sala. O inspetor-chefe lhe apontou uma cadeira. Ele se sentou, depois encarou o policial.

— Bem, Sr. Sherit. O que tem a me dizer a respeito da última vítima de Jack?

— Bem inspetor... Sou motorista de táxi. Deve compreender que é uma profissão um tanto quanto... Mas eu gosto dela. Gosto mesmo, apesar das coisas por que a gente passa.

— Sim, Sr. Sherit. Quanto àquela garota, disse ao telefone que a viu na noite do crime, não?

— Eu a levei para casa. Mal pode acreditar no susto que levei quando vi nos jornais. O assassino estava com ela, isto é o que me assusta ainda agora...

— Sr. Sherit, pode descrevê-lo?

— Aí está o problema, inspetor. Ele estava no carro, mas eu não podia vê-lo.

Naquele momento, diante das palavras do motorista, o inspetor se lembrou da conversa que tivera com Prof. Hilgenstiller.

Mal sabia o quão era irônica aquela lembrança.

— Se ele estava no carro, como não podia vê-lo? — indagou o inspetor, procurando manter a calma.

— Pelo retrovisor, inspetor. Eu via a loura. Ela estava lá, ela conversava com o sujeito, mas eu não podia vê-lo no retrovisor. Eu me voltei por uns instantes e vi o olhar dele. Algo que gelou meu sangue... Impressionante... Não voltei a olhar, embora me mantivesse atento ao retrovisor. Eu não sei explicar...

— Mas eu entendi tudo, Sr. Sherit. Seu depoimento foi muito útil. Deixe seu nome e endereço com o oficial de plantão... Nós o procuraremos se precisarmos de mais alguma coisa.

— Espero que eu tenha ajudado de alguma forma...

— Ajudou sim, obrigado — despediu-o o inspetor, cansado.

CAPÍTULO 7

As notícias sobre Jack, o Estripador, passaram a interessar o inspetor Hilgenstiller. Naquela manhã apanhou febrilmente o Times. Havia uma nota de última hora informando mais um crime. Os detalhes ficavam todos para uma edição vespertina.

Estacou, porém, quando seus olhos pousaram sobre uma nota curiosa. Havia, inclusive, uma fotografia. Lobos em Coventry. A população não sabia como explicar. Um zoológico, consultado pelo jornal, apresentava uma série de explicações técnicas que, ao fim, não convenciam.

Leu o relatório de um dos moradores da redondeza. Havia um bosque, uma estrada, um castelo e uivos lancinantes no meio da noite.

Um arrepio percorreu seu corpo, ao mentalizar aquela cena. Ela o fazia retornar um pouco no tempo, até o Vale de Tisza, onde tudo havia começado.

Depois, qualquer coisa estalou em sua mente. Ele deixou o jornal e correu para sua biblioteca. Ali vasculhou livros febrilmente, até encontrar o que procurava. Depositou-o aberto sobre a escrivaninha.

— Há indícios de que os lobos farejam os vampiros e o buscam, na esperança de que as vítimas do monstro lhes sirvam de repasto. Em mil, setecentos e... — interrompeu-se, retornando à cozinha e apanhando o jornal.

Deixou tudo e foi vestir seu sobretudo. Tomou um táxi e rumou para a sede da Nova Scotland Yard. Lá, procurou pelo inspetor-chefe, indo encontrá-lo, atarantado, em seu gabinete, às voltas com alguns repórteres.

Hilgenstiller se aproximou. Talvez fosse o momento de informar à população a respeito do mortal e sobrenatural perigo que corria.?

Ao vê-lo, porém, uma expressão de desalento tomou conta de seu rosto.

— Está bem, rapazes. O oficial Silvery lhes dará ao outros detalhes. Agora, por favor — disse, apontando a porta.

A sala se esvaziou. O professor olhou-o como se zombasse dele.

— O que deseja, professor? — — indagou o inspetor, com um acento de ironia na voz.

— Pode me dar detalhes sobre o crime de ontem à noite?

O policial lhe empurrou uma pasta. Hilgenstiller a abriu. Havia uma foto da moça. Ele estremeceu, reconheceu-a. Era Mary Reading, a garota que conhecera em Flamouth, quando de seu último encontro com Drácula.

Continuou lendo avidamente, todos os detalhes. Não restava dúvidas. Drácula estava ali mesmo, em Londres. O relato dos amigos da garota vitimada, narrando a maneira precipitada com que ela deixara o restaurante, como se tivesse visto o próprio demônio.

— E tenho certeza de que ela viu o próprio — comentou Hilgenstiller.

— Como disse? — indagou o inspetor.

— Acha que foi obra de Jack? — retrucou, ignorando a pergunta do outro.

— E de quem poderia ser, professor?

— Sendo assim, inspetor, por que Jack não mutilou a velha?

— Talvez se satisfizesse em espancá-la, apenas...

— Mas convence a mim, professor — argumentou o policial, aborrecido. — Não me venha de novo com suas tolices. Basta as que ouvi de um motorista de táxi ontem...

O inspetor balançou a cabeça, desacorçoado. Depois, com um sorriso de zombaria nos lábios, narrou ao outro o que lhe contara o motorista, a respeito do homem que estava no carro, mas não estava no espelho retrovisor.

O professor sorriu significativa. Encarou o policial, disposto a lhe explicar todos os detalhes que se juntavam naquela história.

Pela expressão do outro, porém, percebeu que seria pura perda de tempo. Jamais seria acreditado. Aquele era um trabalho que teria de ser feito apenas por ele.

— Eu agradeço sua atenção, inspetor. Pode não acreditar, mas ajudou-me muito.

— Espero, então, que consiga terminar seu trabalho, professor.

— Meu trabalho? — indagou o professor, os olhos brilhando por instantes, como se, finalmente, o inspetor tivesse compreendido.

— Seu trabalho de sociologia — acrescentou o policial, para desalento do cientista.

Fora uma noite terrível, angustiante, de sobressaltos. Albertine dormia agora, depois de pesados sedativos. Fora acordada no meio da noite, por policiais, para ser interrogada.

Fora vista em companhia de Mary Reading no restaurante, onde o vexame causado por esta atraiu sobre as atenções gerais...

Ao saber da morte da amiga, Albertine lamentou, sentindo-se culpada por não ter ido até lá, após o que acontecera.

Cenas desfilavam por sua mente, algumas nítidas outras vagas. A sensação era de estar no meio de feras que a disputavam estranhamente.

Um grito avolumou-se em seu peito. Ela se agitou mais e mais. O suor escorreu pelo seu rosto, marcando o travesseiro. O grito explodiu, finalmente, como um desafio, enquanto ela se erguia e se debatia, tentando se livrar de animais invisíveis que rodeavam seu corpo e a empurravam para um ponto negro e tenebroso.

Seu pai a acudiram. Albertine desatou um prato convulso, ainda grogue pelos efeitos da droga que lhe fora ministrada.

— Tudo bem, querida. Papai está aqui — dizia Stanley Gardner, abraçando-a e a acariciando.

— Tudo vai ficar bem, você verá — ajuntou sua mãe, compartilhando da dor.

Ofegante, Albertine os encarou. Depois desviou os olhos para a janela, pousando-os no alto da torre principal do castelo abandonado.

Dali parecia vir aquela influencia maléfica que não sabia explicar, mas que sentia. Seus olhos giraram, a seguir, fora de controle e ela tombou para trás.

Sua respiração foi se acalmando lentamente e ela voltou a dormir. O ruído de um carro chegando fez Stanley ir até a janela e olhar.

— É o Chester? — indagou-lhe a esposa.

— Não. Com toda certeza é a polícia de novo...

— Não o deixe incomodá-la novamente, Stan.

— Pode estar certo de que não repetirão a desumanidade de ontem à noite — afirmou ele, deixando o quarto.

Descia as escadas para o térreo quando soou a campainha. Irritado, foi abrir a porta.

— Escute, meu senhor. Não vou permitir que a interogue novamente...

— Perdoe-me, senhor. Deve ter julgado que sou da polícia, não?

— E não é? — retrucou Stanley, patético.

— Sou o Prof. Hilgenstiller... Sociologia.

— Queria desculpar-me, professor, mas não posso entender o motivo de sua visita...

— Li sobre os lobos...

— Ah, os lobos! — suspirou Stanley, tentando pôr-se em ordem. — Espero que desculpe minha rispidez inicial, professor, mas algo terrível aconteceu com uma amiga de minha filha e...

— Refere-se a Mary Reading, não?

— Sim, ela mesma. Eram amigas de trabalho... Uma coisa horrível.

Hilgenstiller sentiu-se incomodado em perturbar aquele pobre pai de família, depois da tragédia. Voltou-se e olhou o castelo.

— Os lobos foram vistos naquele bosque? — apontou.

— Sim, lá mesmo... É um inferno todas as noites...

— Sabe se há algum modo de se entrar no castelo?

— Não creio... Talvez escalando as paredes. A ponte levadiça está alçada. Além disso, há uma porta de grades. As chaves ficaram com um advogado há muito tempo... Ninguém mais soube nada sobre o que seria feito do castelo.

— Eu agradeço sua atenção, senhor. Desculpe-me tê-lo incomoda-lo — disse o professor, voltando ao táxi.

Pediu ao motorista que retornasse à estrada e parasse junto ao bosque. Desceu e observou as árvores que se despiam e as folhas secas que se amontoavam no chão.

— Vou dar uma olhada por aí. Não me demoro — disse, e atravessou a cerca, ganhando o bosque.

Quando mais próximo do castelo, mais se sentia envolver por uma sensação opressiva.

O cheiro de carniça chegou a suas narinas, nauseando-o. Caminhavas com cuidado, mas não via sinal algum da presença de lobos.

Viu, então, a carcaça apodrecida de um animal, mas já era impossível determinar se era um lobo ou um cachorro. Lembrou-se da fotografia no jornal. Fora tirada ali.

Avançou mais, até diante do castelo, onde examinou as muralhas indevassáveis. Não havia como entrar, a não ser escalando.

Sentiu-se impotente. Drácula tinha de estar ali dentro, mas como poderia entrar? Um ruído, não muito longe dali, chamou sua atenção.

Aproximou-se e ocultou-se atrás de uma das árvores. Procurou localizar o ruído, quando este se repetiu, num certo ponto á sua frente, junto a um pequeno muro em ruínas.

No momento seguinte, um alçapão ergueu-se. Hilgenstiller prendeu a respiração ao ver aquele corcunda surgir, com uma pá em sua mão.

Todo seu corpo estremeceu, em suspense. Lembrava-se daquele estropiado que agora coxeava pelo bosque, rosnando e resmungando.

Seu desejo foi saltar sobre ele e esganá-lo, livrando o mundo daquela maldição ambulante. Depois, percebeu o quão arriscado seria fazer isso.

Em sua memória ele reviveu seu primeiro encontro com aquele monstro e lembrou da sua força descomunal. Ficou ali, estático, observando Torg ir até o lobo em decomposição e enterrá-lo.

Quando Torg retornou e sumiu pelo alçapão, fechando, o professor deixou seu posto e foi para lá examinar o local. Junto ao muro, como se fizesse parte de um calçamento, estava a passagem para o castelo.

Havia uma pequena argola de metal. Hilgenstiller enroscou ali seus dedos e tentou abri-lo. Por mais que se esforçasse, porém, não podia obter resultados.

Era preciso mais que a força de um simples homem para erguer a laje de pedras. Voltou a olhar o castelo. Agora não restava a menor dúvida. Drácula estava ali. Era preciso voltar ao seu apartamento e apanhar o espelho, bem como ferramentas que o ajudassem a abrir aquela passagem.

Voltou para a estrada, no momento em que um carro da Scotland Yard passava, com o inspetor-chefe, que o reconheceu. Este ordenou que seu motorista diminuísse a marcha, enquanto observava o professor subir no táxi e se afastar.

Tomou o rádio e ligou para a Central.

— Silvery, quero que encontre o Prof. Hilgenstiller e o leve para aí para ser interrogado. Há qualquer coisa suspeita com ele e preciso

descobrir. O endereço dele está em minha mesa. Eu volto assim que falar novamente com a Srta. Gardner — ordenou, desligando em seguida.

Hilgenstiller caminhou impaciente de um lado para outro da sala. Estava se sentindo como uma fera enjaulada, incapaz de levar adiante o trabalho importante que tinha a fazer.

Tratava-se da sobrevivência da própria humanidade. Tratava-se de livrá-la de um monstro demoníaco. Essa tarefa só poderia ser feita à luz do dia. As horas passavam e o inspetor chefe não aparecia.

— Oficial — disse caminhando até o outro. — Quero saber por que estou aqui... O que querem de mim, afinal? Tenho algo muito importante a fazer e...

— O inspetor está a caminho. Um dos pneus do carro furou. Tiveram de trocar. O inspetor teve um leve acidente com o macaco hidráulico e foi até o pronto-socorro para um curativo. Não vai se demorar. Se estiver com fome, posso mandar vir alguns sanduíches...

— Ao diabo com seus sanduíches, homem — resmungou o professor, procurando um lugar para se sentar.

Consultou seu relógio. Passava das duas da tarde. Escurecia muito cedo no outono. Tinha de se apressar. Não fazia idéia de quanto tempo mais permaneceria retido ali. Drácula estava no castelo, exposto, frágil e destrutível enquanto fosse dia.

Mais algumas horas e tudo ficaria mais difícil. Viu o inspetor e animou-se.

— Inspetor, por favor! Não pode deixar o que quer queira de mim para mais tarde? Tenho algo a fazer...

— Eu também tenho um trabalho a fazer, professor. Agora se sente, por favor — disse, apontando uma cadeira diante de sua escrivaninha.

Sentou-se atrás dela e encarou o professor.

— Pode me dizer onde esteve ontem à noite?

— Em meu apartamento, inspetor. Estive lá toda a noite.

— Pode comprovar isso?

— Comprovar? Por que comprovar? Está me pondo sob suspeitas, inspetor? Suspeitas de quê? De ser Jack, o Estripador? Ora, não seja ridículo...

— O que fazia em Coventry esta manhã?

O professor encarou-o. Lembrou-se do carro-patrolha que passava no momento em que subia no táxi.

— Passeando, inspetor — respondeu com irritação.

— Por que procurou o Sr. Gardner?

— O homem da casa... Está bem, queria informações sobre os lobos...

— Lobos? Lobos, professor? Refere-se aquela nota que saiu no Times?

— Sim, isso mesmo. Não acha interessante, de repente, saídos do não se sabe de onde, um bando de lobos passe a infestar um bosque antes tranqüilo?

— Estou certo de que tem uma explicação para isso, não?

— Não me acreditaria, inspetor. Assim, não vejo por que tenhamos que perder tempo com isso.

O inspetor balançou a cabeça de um lado para outro, aborrecido. Percebia que o professor não estava disposto a colaborar e que ambos tinham visões totalmente opostas sobre os acontecimentos.

Queria, porém, definir qual a ligação e o interesse do outro em tudo aquilo. Isso o estava deixando intrigado.

— Mas, voltando à minha primeira pergunta, professor. Pode comprovar que esteve em seu apartamento toda a noite?

— Sim, posso... Claro que posso. Os filhos da Sr. Westend, Billy e Charity, foram até lá fazer uma pesquisa em minha biblioteca. Ficaram até perto das onze, quando a mãe deles foi buscá-los.

— E depois disso?

— Fui dormir, inspetor, não praticar crimes — ironizou.

CAPÍTULO 8

A noite chegara.

O calabouço do castelo estava envolto pela escuridão. Um rangido leve, quase imperceptível. Nas sombras dois olhos animais cintilaram, enquanto Drácula se punha em pé, desperto de seu sono.

Desceu do ataúde. Caminhou pela escuridão, livrando-se gradativamente do torpor que dominava seu corpo ao acordar. Por instantes estacou num dos salões do castelo, pensando em, Torg.

Fora desafiado em seu poder. Torg receberia seu castigo naquela mesma noite. Um riso sinistro marcou seus lábios, enquanto deslizava escadas acima, como uma sombra ou um mau presságio.

Sabia onde encontrar seu servo. Na torre principal do castelo, estacou, observando. Lá estava Torg, com seu binóculo assentado na direção da casa, olhando aquela bela virgem, com certeza.

Retornou até uma das janelas abaixo. Ali, metamorfoseou-se no enorme morcego e voou, havendo traçado seu destino.

Não era nada adequado atacar nas proximidades do castelo, mas a perspectiva de uma vingança sádica contra Torg o animou.

O morcego macabro rasgou a noite com sua mensagem de morte, indo esvoaçar ao redor da casa dos Gardner. A janela do quarto de Albertine estava aberta. Ele entrou direto por ela, pousando diante da jovem, que se ergueu do leito, presa de indescritível espanto.

Drácula se aproximou dela. Estava certo de que Torg, do alto da torre, acompanhava seus movimentos. Um riso sádico desenhou-se em seus lábios. Ele se aproximou e envolveu Albertine em seus braços, roçando suas presas no pescoço delicado.

Estática, hipnotizada, ela ficou sem reação, à sua mercê. A volúpia que o dominou o convidava a cravar suas presas na veia palpitante e sugar-lhe o sangue entre espasmos e suspiros.

Mas ainda seria pouco a vingança. Torg precisava entender para sempre quem era o mestre, quem dava ordens, quem ditava as normas.

Recuou, dominando seu desejo lúbrico e mortal. Olhou a garota nos olhos e mentalmente transmitiu-lhe suas ordens macabras. Depois recuou para a janela.

Como um possesso, Torg desceu as escadas do castelo, rumando para a passagem secreta. Estava fora de si, descontrolando, alucinado. Vira Drácula no quarto da garota, compreendia o que seu mestre lhe preparara.

Fora um louco em desafiá-lo. A vingança seria cruel. Evitá-la seria impossível mas, ainda assim, algo íntimo e forte o fazia correr em defesa dela.

Entrou pela passagem e foi ergueu o pesado alçapão. Deixou-o aberto e coxeou sobre as folhas secas, caminhando em direção da estrada.

Um bando de lobos, saídos de algum ponto do inferno, rodeou-o, acusando-o contra alguns troncos. Seus olhos chamejantes, suas bocas abertas de onde escorria uma baba esbranquiçada e gosmenta seus rugidos ameaçadores, tudo fez o corcunda enlouquecer de ódio.

Ele apanhou um galho e avançou contra os lobos, mas estes reagiam e avançavam, acuando-o sempre, impedindo-o de continuar.

Não longe dali, horrorizado, o Prof. Hilgenstiller acompanhava a cena macabra. Não entendia o que se passava.

No momento seguinte, tudo se tornou mais confuso. Uma garota, metida numa camisola esvoaçante, passou entre ele e os lobos, rumando na direção do castelo.

Era jovem e bonita, mas parecia hipnotizada, caminhando como um robô ao encontro de seu próprio destino. Ao vê-la a inquietação de Torg foi maior.

Ele rugiu e avançava contra os lobos, que se desviavam de seus golpes e voltavam a atacá-lo, mantendo-o encurralado. Como uma fera enraivecida, Torg tentava afastá-los, mas seus gestos eram inúteis e mais assanhavam a fúria dos lobos, que rugiam, mostrando os dentes pontiagudos.

Hilgenstiller tremeu de pavor. O que via era algo dantesco, infernal, terrível demais para ser acreditado. A garota avançou sobre as folhas secas, quase sem ruídos.

O professor deixou seu esconderijo e correu, tentando alcançá-la. Ela desceu pela passagem secreta, sumindo de sua vista.

Hilgenstiller parou, diante da escada escura. Apertou a caixa com o espelho mágico, depois sacou a arma e a engatilhou. Desceu, então, lentamente os degraus, sem saber onde o levaria aquele túnel escuro.

Do alto da torre, olhando Torg, Drácula gargalhou alto o bastante para se fazer ouvido pelo corcunda, que levantou os olhos, as feições crispadas pelo ódio.

— Não, mestre! Ela não! — suplicou.

Em resposta, Drácula abriu seus braços, como que ditando uma ordem aos lobos. Um deles avançou sobre Torg, mordendo-o na perna estropeada. O corcunda agitou-a, mas os dentes cravados sobre suas carnes não cederam, provocando uma dor aguda que o enfureceu além da imaginação.

Ele agarrou o lobo pelo pescoço e apertou-o com toda sua força descomunal. Estertorando, o animal não largou sua perna. Torg, então, puxou-o com força, desgrudando-o de suas carnes.

Urrou de dor e raiva, jogando o corpo do animal contra os troncos, depois avançando e chutando-o e golpeando-o com um galho, até que o lobo ficasse imóvel.

Um outro salto sobre suas costas, jogando-o contra uma árvore. Torg sentiu uma dor forte na cabeça e algo morno escorreu, tapando-lhe a visão de um dos olhos.

Tentou agarrar aquele lobo também, mas o animal escapou-lhe agilmente. Todos voltaram a cercá-lo. Enfurecido, Torg atirava-lhes galhos e pedras, mas, longe de afugentá-los, mais os enfurecia.

Extenuado o corcunda caiu de joelhos e levantou os olhos para a torre. Drácula estava lá, as roupas esvoaçando à passagem de uma fria brisa de outono.

As gargalhadas ferinas chegaram aos ouvidos do corcunda, que lamentou sua ousadia. Lá, no alto, Drácula se sentia satisfeito com a vingança, mas não de todo ainda.

Voltou-se para olhar o último lance da escada, por onde surgia Albertine, fiel a suas ordens. A volúpia dominou seu corpo monstruoso, agora espicaçado pelo sádico prazer em torturar seu servo.

Abriu os braços e Albertine caminhou direto para ele. Aquele perfume virginal entorpeceu os sentidos do monstro, que a estreitou contra o peito, gozando aqueles contornos jovens e rijos, aquele palpitar compassado de um coração puro.

Suas mãos frias subiram até os ombros da garota, desfazendo os nós que prendiam a camisola. O tecido farfalhou suavemente, indo amontoar-se aos pés dela.

As mãos de Drácula avançaram até as costas, arrebatando o fecho do sutiã... Os seios rijos e arredondados aguçaram sua lascívia, fazendo-o desejar estraçalhá-los com suas presas, devorando aquelas carnes tenras e sangrentas.

Drácula se ajoelhou diante daquele corpo virginal e tentador. O perfume de fêmea e sexo feriu suas narinas, alucinando-o. Seus lábios frios posaram entre as coxas da garota. Sua língua viperina avançou fazendo o corpo de Albertine estremecer.

Drácula enlaçou-a pela cintura e ergueu-se, erguendo-a consigo. Sua boca colou-se, ávida e obscena, sobre um dos seios, sugando-o e mordiscando-o cruelmente.

Lá embaixo, Torg soluçava, percebendo sua inutilidade, sofrendo sua inferioridade. Era o que Drácula pretendia. Sua vitória o assanhou. Um cheiro de sangue jovem invadiu suas narinas, transtornando-o. Seus olhos se injetaram. Seu hálito se alterou, fétido e nauseabundo. Suas faces se arreganharam, como as de um animal prestes a avançar sobre a presa indefesa.

Ele tocou os dentes pontiagudos no pescoço delicado, roçando-as no corpo nu, acariciando-o com suas garras, ferindo-lhe a pele.

Depois, num espasmo agoniado, cravou seus dentes sobre a veia, fazendo o sangue jorrar. O corpo da garota abalou-se, enfraquecido, enquanto seu sangue era sugado impiedosamente.

Hilgenstiller havia ouvido a gargalhada sinistra vindo de algum ponto, no alto. Subiu apressadamente, deixando para trás o estojo vazio.

O espelho em suas mãos era a arma para destruir o monstro. Se funcionasse, a humanidade estaria livre do vampiro definitivamente.

Ao chegar ao topo, mal pôde acreditar no que viam seus olhos. A garota nua era desonrada pelo monstro, que ainda mantinha em seus pescoço, cravadas como lâminas mortais, as presas pontiagudas.

— Demônios do inferno! — berrou Hilgenstiller, brandindo o espelho.

Drácula soltou o corpo da garota e se voltou, resfolegando e urrando de ódio contra aquele que ousara interrompê-lo.

Um baque o fez recuar, como se o espelho emitisse raios contra ele, enfraquecendo-o. Hilgenstiller avançou até que Drácula visse refletida a sua imagem. Seu pavor foi indescritível. Os símbolos e a cruz faziam seu corpo arder em fogo. Sua própria imagem o atraía, numa irônica armadilha de destruição.

Albertine recuara, enfraquecida, atônita, possuída, até apoiar-se a uma das ameias da torre.

— Cuidado! — alertou Hilgenstiller, mas era tarde.

O corpo jovem rodopiou ao luar, despencando pela muralha abaixo.

— Maldito filho das trevas, fruto de um ventre pervertido — gritou Hilgenstiller, deixando o espelho no chão e correndo até a ameia.

Viu, lá embaixo, o corpo estatelado da garota e um bando de lobos rodeando-o e avançando para devorá-la.

— Oh, Deus! Não! — murmurou, como numa prece e correu para a escada, sacando seu revolver.

Tinha de impedir aquela barbaridade, afugentando os lobos.

O espelho poderia eliminar o monstro, era visível. O que vira, no entanto, o deixara alucinado. Pensou na garota como pensara em sua filha, quando a vira atacada pelo vampiro. Um instinto protetor o fez descer pela escuridão, em seu socorro. No caminho, iluminado pelo luar que penetrava por uma das janelas, estacou, vendo a figura abominável de Torg avançar em sua direção.

Apertou a arma, pronto a se defender, mas o corcunda passou por ele rosnando como um animal louco, rumando escada acima, na direção da torre. Não entendeu, mas ouviu o rugir esfomeado dos lobos lá fora. Viu-se desorientado, incapaz de encontrar a saída. Seu desespero era desmedido. Sua angústia era sufocante.

Ofegante, Torg chegou ao alto da torre, disposto a desabafar sua fúria assassina. Vira o corpo da garota caído, vira os lobos deixando-o para avançar sobre ela, assanhados pelo cheiro de sangue. Não compreendia a cena. Drácula estava encolhido num canto, enquanto aquele espelho parecia refletir os raios da lua direto sobre ele, enfraquecendo-o, minando suas forças. Drácula podia ser destruído daquela forma.

— Torg, sua besta humana! Destrua esse maldito espelho! — rugiu Drácula, a voz alterada, as feições crispadas, o corpo retorcido, tão horrendo quanto o do próprio Torg.

Um riso zombeteiro e satisfeito desenhou-se nos lábios do corcunda. Seu mestre se mostrava tão disforme quanto ele. Aquilo lhe deu prazer e ele permaneceu estático, vendo o vampiro definhar.

— Torg... Excremento da natureza! Bastardo filho de um animal, quebre esse espelho! — suplicou Drácula.

— Não devia ter feito aquilo com a moça, mestre! Não devia — soluçou o corcunda.

— Torg, se eu for destruído você também o será... Somos complementos um do outro... Você sabe... Será seu fim também... Destrua, Torg! Destrua! — ordenou, os olhos fixos nos olhos do outro.

Torg estremeceu, fraquejando. Lágrimas brotaram em seus olhos e ele agarrou o primeiro objeto ao seu alcance e arremessou-o contra o espelho, arrebatando-o. Era o binóculo com que adorava Albertine. Drácula se ergueu, enfraquecido e se aproximou do servo. Olhou-o nos olhos e gargalhou zombeteiramente.

— Temos de sair daqui. Torg. Apresse-se!

O professor ouviu tiros, orientando-o naquele labirinto escuro. Depois o ganir dolorido dos animais, ordens secas, movimento de pessoas.

Saiu, finalmente. O inspetor-chefe e alguns policiais acabavam de chacinar os lobos. Hilgenstiller se aproximou, trôpego, fora de si, mas recuou, ao deparar com a horrível visão do corpo mutilado e semi devorado da garota.

— Talvez tenha sido melhor assim, Deus! — murmurou, cobrindo os olhos com as mãos.

O inspetor se aproximou dele, olhando-o intrigado.

— Como explicar sua presença aqui, professor? — indagou.

— E como explicar aquilo, inspetor? — gritou o cientista, apontando o corpo da garota.

O policial pigarreou, olhou as muralhas do castelo, depois os corpos dos lobos.

— A garota estava transtornada, sob pesados sedativos... A morte da amiga a abalou... Ela deixou a casa e se perdeu no bosque. Os lobos a encontraram...

— É um tolo, inspetor! É um tolo! — repetiu o professor, enquanto um policial se aproximava com uma lanterna.

Estendeu a mão e tomou-a do outro, correndo para a passagem secreta. Tinha de chegar ao alto da torre e destruir o vampiro, se ainda houvesse tempo. Alguns policiais o seguiram. No alto da torre, a desolação e a frustração de mais uma derrota o esperava. Drácula havia escapado. O monstro continuava vivo e livre!

FIM DO LIVRO QUATRO

L P Baçan - O Mago das Letras

- 1975: escreveu e publicou seu primeiro livro de bolso, a novela Uma Tese para o Amor, pela Editora Cedibra, Rio de Janeiro, passando, daí, a escrever mensalmente novelas por encomenda para essa e outras editoras.
- 1985: teve 11 letras incluídas no LP Saudação ao Mato Grosso, da dupla Estudante & Caminhoneiro.
- 1986: teve 6 letras incluídas no LP Oração de Um Caminhoneiro, da mesma dupla.
- 1991: participou da Coletânea do I Concurso Nacional de Literatura da FENAE, com um conto premiado em 1º. lugar.
- 1994: participou da Antologia Os Poetas, do V Concurso Helena Kolody de Poesia, Governo do Paraná, Curitiba – PR.
- 1995: traduziu a obra El Contuberno Judeo-Maçónico-Comunista, de José Antonio Ferrer Benimelli, em 2 volumes intitulados Maçonaria & Satanismo, para a Editora "A Trolha".
- 1996: publicou a novela rural Sassarico, sobre o fim do ciclo do café, início da rotação de culturas (soja e trigo) e surgimento dos bóias-frias e editou os livros Vida Minha, de Emília Ramos de Oliveira (biografia) e Círculo Vicioso, de Arlene Cirino de Oliveira.
- 1997: participou da coletânea Poema, Poesia... Maçom, Maçonaria, organizada por Mário Cardoso para a Editora Arte Real.
- 1998: publicou o livro de poemas Alchimia.
- 1999: publicou o livro Redação Passo a Passo e editou o livro URAÍ - Nossa Terra, Nossa Gente, 2 volumes, de Emília Ramos de Oliveira.
- 2000: teve 2 letras incluídas no CD Nosso Negócio É Cantar, da dupla Márcio Rogério & Luciano e 3 letras no CD Mais, do cantor Cícero de Souza. Publicou, neste ano de 2000, Brincando nos Caminhos do Senhor, revista infantil cristã, Editora e Gráfica Cotação da Construção, Londrina – PR.
- 2001: editou e prefaciou o livro Templários, de Lori Andrei Perez Baçan.
- 2002: foi o autor da letra do hino da Loja Maçônica Londrina, em parceria com o músico Wilmar Cirino.
- 2004: organizou, editou e participou do livro I Antologia do Portal "Cá Estamos Nós".
- 2006: organizou, editou e participou do livro II Antologia do Portal "Cá Estamos Nós".
- 2007: publicou os livros A Sabedoria dos Salmos, A Sociedade Secreta

dos Templários e O Livro Secreto da Maçonaria, pela Universo dos Livros Editora Ltda.

- 2010: publicou os livros Manual da Futura Mamãe, Quem Disse Que Cozinha Não é Lugar de Homem e Receitas Naturais pela editora Universo dos Livros. Editou o livro de contos Solidariedade, do autor baiano João Justiniano da Fonseca. Produziu, dirigiu e apresentou uma série de 7 (sete) programas radiofônicos Vila das Artes, na Rádio Boa Nova FM, de Pérola, PR, sobre literatura atual.
- 2012: traduziu, editou e publicou o livro A Origem do Satanismo na Maçonaria, de Arthur Edward Waite.
- 2013: traduziu, editou e publicou em formato eletrônico os livros Carmila, de J Sheridan LeFanu, e Teoria da Esgrima a Cavalos, de Alex Muller, Anjos, o Caminho de Volta, Os Olhos do Carrasco, Novelas de Terror (Volumes I e II) Novelas Policiais (Volumes I a 7) e Novelas de Faroeste (Volumes I a IX) pela Lulu Press, Inc. e Editora Saraiva.
- 1975 até 2015: hoje escreveu mais de 700 livros, publicados em sua maioria em formato de bolso, sobre os mais diferentes assuntos, como: romances, erotismo, palavras cruzadas, charadas, passatempos, literatura infantil, passatempos infantis, horóscopos, esoterismo, simpatias populares, rezas, orações, intenções, anjos, fadas, gnomos, elementais, amuletos, talismãs, estresse, manuais práticos, religião e outros livros de bolso com os mais diversos temas e letras para músicas. Já editou em formato eletrônico mais de 1000 títulos, entre publicações individuais e antologias, de autores de Língua Portuguesa e Espanhola.
- Publicou ao longo dos últimos 40 anos poemas e contos em jornais de circulação regional. Ultimamente, tem traduzido e editado livros eletrônicos e empenhado em editar todos seus títulos em formato eletrônico para serem disponibilizados a seus leitores.

www.acasodomagodasletras.net